A. DE SAMPAIO DORIA

Como se aprende a lingua

(Curso Elementar)

30 MILHEIROS

Quinta Edição

Monteiro Lobato e Cª
Editores São Paulo

1924

COMO SE APRENDE A LINGUA

A. DE SAMPAIO-DORIA

COMO SE APRENDE A LINGUA

(CURSO ELEMENTAR)

5.a EDIÇÃO
30 MILHEIROS

Monteiro Lobato & Cia.
Editores — São Paulo

Prefacio

E' sabido que se não aprende a lingua pela grammatica, mas a grammatica pela lingua. A decoração das regras grammaticaes e suas excepções é um supplicio inutil ou prejudicial ao falar correntio. E, no emtanto, o uso geral é a tentativa de aprender a lingua pela grammatica.

E' uma anomalia que precisa desapparecer. A grammatica é uma systematização logica dos factos da lingua, e não uma exposição delles em ordem pedagogica. Dahi poder a grammatica prestar optimos serviços aos professores, mas ser inutil ou prejudicial nas mãos dos alumnos.

Este livro é uma reacção ao ensino decorado da grammatica. Nelle, em contacto directo com factos da lingua, vão os discipulos, orientados pelo professor, observando certos usos, partes essenciaes do discurso, relações logicas das phrases e palavras na estructura geral das sentenças. Do que observarem, resaltar-lhes-ão espontaneamente regras grammaticaes.

Não passará, no emtanto, este livro, de uma tentativa, a que outros darão os desenvolvimentos necessarios e retoques definitivos.

O que delle mais nos preoccupou, foi o methodo didactico. Alem de essencial ao rendimento da escola, do verdadeiro methodo com que for ensinada a lingua, resultará a efficiencia do idioma, como factor de nacionalização.

Todos proclamamos a lingua patria como o factor por excellencia da unidade nacional. Mas, a realidade só corresponderá ás esperanças, se a lingua for deveras assimilada na escola, sobretudo na escola primaria.

Como, porem, lograr que as creanças a assimilem? Memorizando regras grammaticaes? Abrindo mão de vez das boas normas da lingua?

Nem de um, nem de outro modo. Mas, principalmente, observando os factos constantes e autorizados.

E' o que este livro ensaia. E' uma reacção do methodo pela verdade da lingua como factor insubstituivel da grandeza da Patria.

Não, que elle pretenda por si só bastar ao aprendizado da lingua. Mesmo na escola primaria, o ensino da lingua requer ainda:

1.°) leitura expressiva;

2.°) exposições oraes, com que os alumnos se habituem a improvisar a sua linguagem;

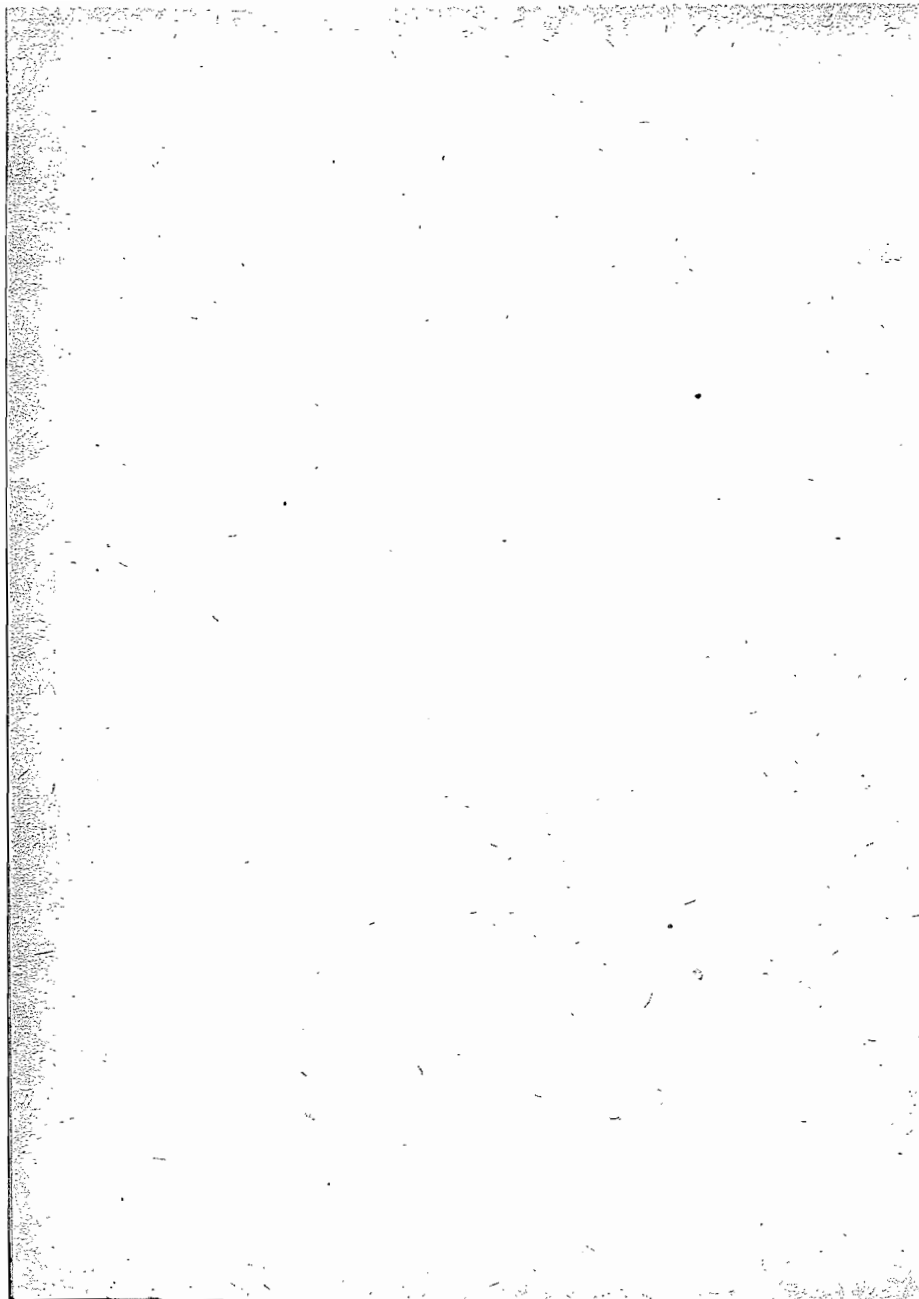
3.º) interpretações, eschematizações, imitações de trechos modelares com sentido completo;

4.º) exposições escriptas do que tenham observado, ou imaginado.

Mas, precede, acompanha e domina a todas a analyse em contacto directo com a lingua. Os exercicios de analyse, em que a razão logica prevaleça sobre a preoccupação da phraseologia technica, dão ensejo a que os alumnos logrem estes beneficios:

1.º) acquisição de vocabulario, com sentido exacto, no contexto das phrases;

2.º) conhecimento de usos autorizados, ainda que não se lhes enunciem as regras grammaticaes;

3.º) e, sobretudo, maior capacidade de entender a linguagem.

LIÇÃO I

Substantivo e verbo

As andorinhas constroem ninhos.

Leiam, com attenção, esta sentença. Quantas palavras ha nella?

Quatro.

Quaes são as que exprimem animaes ou cousas?

Andorinhas e *ninhos.*

E *constroem,* que significa? Pessoa? animal? ou exprime o que se faz, acção, actividade?

Acção.

Leiamos esta outra sentença:

A locomotiva puxa os carros.

Quaes as palavras que nomeiam cousas?

Locomotiva e *carros.*

E qual a que indica actividade?

Puxa.

Mais esta sentença:

Os meninos correm alegres no recreio.

São nomes de pessoas e cousa: *meninos* e *recreio.*

E' nome de acção: *correm.*

Confrontemos, agora, as tres sentenças:

As andorinhas constroem ninhos.
A locomotiva puxa os carros.
Os meninos correm alegres no recreio.

São nomes de pessoas, animaes ou cousas: *andorinhas, ninhos, locomotiva, carros, meninos, recreio.*

O nome de pessoas, animaes, ou cousas, se chama *substantivo.*

São nomes de acção: *constroem, puxa, correm.*

O nome de acção se chama *verbo.*

NOTA — Repitam-se lições como esta. Escrevam-se na pedra sentenças claras, accessiveis aos escolares, eguaes ou semelhantes ás que usam, pondo em contraste o substantivo com o verbo. O substantivo é o nome das pessoas, dos animaes, das arvores, das cousas. Pessoas, arvores, animaes, cousas, são *seres.* D'ahi a noção breve que se póde dar de substantivo: *é o nome de seres.*

O verbo é o nome das acções, das actividades, dos movimentos. Estas acções são praticadas por homens, por animaes, ou por cousas. A acção não é *ser*, mas actividade dos seres. Poder-se-á dar, provisoriamente, esta noção de verbo: — *é o nome de acções.*

LIÇÃO II

Verbo transitivo e intransitivo

Deus criou o mundo.

Qual é o verbo?

Criou.

Quem praticou a acção de criar?

Deus.

E que cousa foi criada?

O mundo.

A tempestade derrubou a casa.

Qual é o verbo?

Derrubou.

Quem derrubou?

A tempestade.

E que cousa foi derrubada pela tempestade?

A casa.

Mais esta sentença:

Os meninos estudam as lições.

Verbo: *estudam.*

Agente: *os meninos.*

Paciente: *as lições.*

Agente quer dizer: que age, que faz a acção expressa pelo verbo.

Paciente significa: que recebe a acção indicada no verbo.

Determinem os verbos, os substantivos, os agentes e os pacientes, nestas sentenças:

> Pedro arregalára os olhos com medo.
> O agricultor não receia o sol, nem a chuva.
> O sol illumina os campos.

Se não se embaraçarem com este exercicio, leiam, agora, esta sentença:

> Os meninos correm.

Qual é o verbo?

Correm.

E qual é o seu agente?

Os meninos.

Os meninos praticam a acção de correr. E quem a recebe? Podemos dizer:

> Maria corre Paulo?

E' evidente que não.

A acção de correr não passa de quem a pratica.

Pois, então, comparemos os verbos destas duas sentenças:

> Eu rasgo este papel.
> Eu ando.

Qual o verbo da primeira?

Rasgo

E o agente?

Eu

E o paciente?

Este papel

O verbo *rasgar,* pois, tem por agentes *eu,* e, como paciente, *este papel.* E' um verbo cujo agente differe do seu paciente.

E o verbo da segunda sentença, qual é?

Ando

Quem anda? ou qual é o agente?

Eu

Eu faço a acção de andar. E quem a recebe? Póde deixar de ser o proprio agente?

Evidentemente não.

O verbo *andar,* ao contrario do verbo *rasgar,* não tem, nem póde ter agente distincto do paciente. Vemos, pois, duas especies de verbos: aquelles cuja acção *passa* de quem a pratica, são os verbos *transitivos;* e aquelles cuja acção *não passa* do seu agente, são os verbos *intransitivos.*

NOTA — O professor insistindo nestes exercicios, deve guiar-se pelo grau de intelligencia dos seus alumnos, pelo prazer e interesse que manifestem. Não os deixará nunca méros audientes da explicação. Fal-os-á collaboradores seus, no orientar estas noções. Ha de verificar que já trazem para a escola cabedal grande de noções, á espera, apenas, de nomes e desenvolvimentos.

LIÇAO III

Vozes do verbo

Leiam esta sentença.

Os cavallos galopam nos campos.

Qual é o verbo?

Galopam

E' transitivo, ou intransitivo?

Intransitivo.

Qual é o agente?

Os cavallos.

A phrase *nos campos,* que idéa exprime?

Logar; o logar onde os cavallos galopam.

Se fosse um só cavallo, como se diria? O cavallo galopam?

E' claro que falaria errado quem assim se exprimisse. Terá que dizer: *o cavolla galopa.*

Emendem, então, os verbos destas sentenças:

Eu faz. Elle fiz. Nós fizeram. Vós fez. Tu faço. Elles façamos.

Por certo, diremos:

> Eu faço. Tu fazes. Elle faz. Nós fazemos. Vós fazeis. Elles fazem.

Eu, tu, elle, nós, vós, elles, nos exemplos acima, são agentes do verbo *fazer*, e com elle concordam. O agente que concorda com o verbo, recebe a denominação de sujeito.

Nesta sentença:

> O lenhador cortou as arvores.

Qual é o verbo?

Cortou

E o sujeito?

O lenhador

O paciente *as arvores* é complemento do verbo.

Supponhamos, porem, esta sentença:

> As arvores foram cortadas pelo lenhador.

Qual é a acção?

Foram cortadas.

E qual é o agente?

Lenhador.

E o paciente?

As arvores

Como se diria, se fosse uma só arvore?

> A arvore foi cortada pelo lenhador.

Então, quem concorda, neste caso, com o verbo: — o agente, ou o paciente?

O paciente.

O verbo póde, pois, apresentar duas fórmas:

> O lenhador *cortou* as arvores.
> As arvores *foram cortadas* pelo lenhador.

Na primeira, o verbo concorda com o agente, e, na segunda, com o paciente.

O verbo *cortou* está na voz activa. E o verbo *foram cortadas* está na voz passiva.

Reparem nestas duas sentenças:

> Eu fecharei a porta.
> A porta será fechada por mim.

Fecharei está na voz activa, e *será fechada* está na voz passiva.

Quando não bastar a concordancia do agente, ou do paciente com o verbo, a voz passiva se conhece, facilmente, porque o verbo se forma de duas palavras. Na sentença acima, são: *será* e *fechada*. Um verbo na voz passiva costuma estar auxiliado pelo verbo *ser*.

LIÇÃO IV

Sujeito, agente e paciente

João rasgou a cortina.

Qual é o verbo?

Rasgou.

De que especie é esse verbo?

Transitivo.

Em que voz está?

Na voz activa.

Ponha-o na voz passiva, sem alterar o sentido á sentença:

A cortina foi rasgada por João.

Qual é o sujeito na primeira sentença?

João.

E o sujeito na segunda?

A cortina.

Donde se vê que o sujeito póde ser o agente, ou o paciente. E' agente, quando o verbo está na voz activa. E' paciente, quando o verbo está na voz passiva.

Agora, esta sentença:

Os passaros voam.

O verbo é *voam.*

O seu agente: *os passaros.* E' o sujeito.

A acção de voar não passa do seu agente. Logo, o verbo é intransitivo.

Como pôr na voz passiva esta sentença? *Os passaros são voados?*

Não se póde. Isto não teria sentido que se entendesse. Este verbo não tem voz passiva. Assim, com qualquer outro verbo intransitivo.

Só os verbos transitivos têm duas vozes, a voz activa e a voz passiva. Os outros só têm voz activa.

Analysemos esta sentença:

Um automovel hontem atropelou uma creança.

Verbo: *atropelou.* E' transitivo, e está na voz activa.

Qual o agente?

Um automovel. E' o sujeito. Concorda com o verbo. Se fossem muitos automoveis, o verbo seria *atropelaram.* Nesta sentença, o sujeito está no singular, é um só automovel. Por isto, tambem no singular está o verbo.

Qual é o paciente?

Uma creança. Completa o sentido do verbo *atropelou.* E' complemento *paciente* ou *directo.*

Só falta explicar a palavra *hontem*. Que é o que ella significa? Idéa de logar, de tempo, de modo, de fim?

De tempo.

Pois é uma circumstancia de tempo do verbo atropelou, indica o tempo em que se realisou esta acção.

Mais esta sentença:

A floresta foi queimada em agosto.

Verbo: *foi queimada*. Voz passiva.

Sujeito: *a floresta*. E' o paciente. Está no singular. E' a cousa de que se fala.

Em agosto. indica o tempo da queimada. E' circumstancia de tempo do verbo *foi queimada*.

LIÇÃO V

Verbos, tempos fundamentaes

Apontei o lapis.
Fizestes bem.
Os hospedes partiram esta manhan.
Puzemos o livro na estante.

Separemos os verbos destas sentenças. São elles:

Apontei. Fizestes. Partiram. Puzemos.

Mas cada um destes verbos tem fórmas differentes. Mudam a terminação.

Por exemplo:

Eu apont*ei*
Tu apont*aste*
Elle apont*ou*
Nós apont*ámos*
Vós apont*astes*
Elles apont*aram*

Estas acções são passadas. Se fossem acções actuaes, dir-se-ia:

Eu apont*o*
Tu apont*as*

Elle aponta
Nós apont*amos*
Vós apont*aes*
Elles apont*am*

E, se, ainda, não se tiverem realizado, nem se estiverem realizando, mas se vae ser realizada amanhã, depois, ou mais tarde?

Ninguem dirá; apontei o lapis amanhã. Mas, sim:

Eu apontar*ei*
Tu apontar*ás*
Elle apontar*á*
Nós apontar*emos*
Vós apontar*eis*
Elles apontar*ão*

Só nestes exemplos já temos 18 fórmas differentes do mesmo verbo, designando, sempre, o mesmo acto de apontar. Mas, alem destas, ha muitas outras, que depois veremos.

Quando se quer dar nome ao verbo, usa-se uma de suas fórmas, chamada *infinito* ou *infinitivo*.

O infinito do verbo se conhece facilmente, porque termina sempre por uma destas quatro maneiras: a primeira em *ar* a segunda em *er*, a terceira em *ir*, e a quarta em *or*.

Nas sentenças acima, os infinitos são:

Apont*ar*. Faz*er*. Part*ir*. P*ôr*.

Analysemos esta sentença:

Com a primavera, as arvores reverdecem.

O verbo é *reverdecem.* Intransitivo. Está no plural. O infinito deste verbo é *reverdecer.*

Sujeito: *as arvores.* E' o agente. Está no plural. Concorda com o verbo em numero.

Com a primávera é complemento de tempo do verbo *reverdecem.*

LIÇÃO VI

Predicado e complementos

O céo é azul.
Nós somos estudantes.

Qual o verbo da primeira sentença?

E'.

E o da segunda?

Somos.

Que cousa é azul?

O céo.

O céo é o sujeito da primeira sentença.

O que se affirma é a qualidade *azul*. Attribue-se esta qualidade ao céo.

Na segunda sentença, que é o que se affirma?

Sermos estudantes.

E a quem se attribue esta cousa affirmada?

A nós.

Aquillo que se affirma numa sentença, chama-se *predicado*. O ser a quem se attribue o predicado, chama-se *sujeito*.

Vejamos outro exemplo:

A neve é branca.

O predicado, ou o que se affirma: *é branca.* O sujeito, ou o ser de quem se affirma: *a neve.* Semelhantemente nestas outras sentenças:

Os animaes pastam.
A locomotiva corre sobre trilhos.

Na primeira sentença, qual é o verbo?
Pastam. E' intransitivo.

E o sujeito?
Os animaes. E' o agente. Está no plural.

E na segunda sentença?
O verbo é: *corre.* Intransitivo. Voz activa.

Mas este verbo está completado pela phrase *sobre trilhos*, que indica o logar por onde a locomotiva corre. *Sobre trilhos* é circumstancia de logar do verbo *corre.*

E o sujeito é: *a locomotiva.* E' o agente.

Compare-se, agora, a primeira com a segunda sentença:

Os animaes pastam.
A locomotiva corre sobre trilhos.

Em cada sentença, separado o sujeito, tudo o mais fórma o predicado.

Na primeira, é sujeito: *os animaes.* E o predicado: *pastam.*

Na segunda, é sujeito: *a locomotiva*. E o predicado: *corre sobre os trilhos*.

O predicado, pois, ora se constitue só do verbo, ora, alem do verbo, contem phrases que o completam.

Veja-se, nesta sentença, o predicado:

Nos domingos, os sitiantes vão á cidade.

Qual é o verbo?

Vão. E' o verbo ir. Intransitivo. Está no plural.

E qual é o sujeito? Que pessoas vão?

Os sitiantes.

Restam as phrases: *aos domingos* e *á cidade*. A primeira exprime tempo, e a segunda, logar. São idéas que se accrescentam ao verbo. Vão, quando? *aos domingos*. Vão, aonde? *á cidade*.

O predicado, pois, desta sentença é:

Aos domingos... vão á cidade.

O predicado é o verbo e os seus complementos.

Reparem nos complementos destas duas sentenças:

A locomotiva corre sobre trilhos.
A locomotiva matou um boi.

O verbo da primeira, *corre*, é intransitivo. A acção de correr não passa de quem a pratica, e, por isto, não póde ser o agente diverso do paciente.

O verbo da segunda, *matou,* é, pelo contrario, transitivo. A acção de matar, realisada pelo agente, a locomotiva, transitou para um ser differente que a recebeu: *um boi.*

Se não existissem os complementos do verbo intransitivo, a sentença, embora differente, se entenderia. O contrario se dá com os verbos transitivos. Por exemplo:

A locomotiva corre.

Quem não entende esta affirmação?

Mas esta:

A locomotiva matou...

Bem se vê que o sentido não está completo. Matou a quem?

O complemento do verbo *matou* é indispensavel a que se comprehenda a phrase.

A locomotiva matou um boi, uma cobra, um cavallo, etc.

Vê-se, pois, que os complementos do verbo ou são essenciaes, isto é, sem elles, não se entende a phrase, ou são accidentaes, isto é, sem elles, a phrase se entende, embora fique differente.

NOTA — As noções desta lição precisam ser repetidas varios dias. Não se preoccupe o professor com ser completo, com excepções. Vá dando as explicações sempre verdadeiras, claras sempre, embora

incompletas. O ensino não póde ter rigores de logica obstracta. Os alumnos só ficam sabendo realmente, aos poucos, indo e vindo, com successivas repetições, realidades variadas, nas quaes terminam por notar o que nellas houver de commum.

Daqui em diante, como convem aos livros, trocaremos o processo didactico de perguntas e respostas pela simples exposição. Mas, em aula, o professor não deverá nunca reduzir a sua classe a só ouvir o que explica. Antes a trará em constante actividade, dando-lhe a impressão de que, por si mesma, ella é quem descobre a verdade.

LIÇÃO VII

Complementos circumstanciaes

Leiamos attenciosamente esta sentença:

Pedro viaja de noite, sósinho, pelas estradas

O verbo é *viaja*. Intransitivo.

O sujeito *Pedro*.

O verbo está modificado pelas phrases, *de noite, sósinho, pelas estradas*. Ahi, não se diz, apenas, que Pedro viaja; mas determina-se o tempo em que Pedro viaja: *de noite*. Tambem não se diz simplesmente que Pedro viaja de noite, mas que viaja *sósinho*, e não acompanhado por outras pessoas, é o modo como Pedro viaja. E, finalmente, não se diz sómente que Pedro viaja de noite, sosinho, mas declara-se o logar por onde elle viaja; é *pelas estradas*.

A phrase *de noite* é complemento de *tempo* do verbo *viaja*.

A phrase *sósinho* é complemento de *modo* do mesmo verbo.

E a phrase *pelas estradas* é complemento de *logar*.

Podemos dividir esta mesma sentença em duas partes: o que se affirma: *viaja de noite, sósinho, pelas estradas*, é o predicado; e o ser a respeito do qual se faz esta affirmação: *Pedro;* é o sujeito.

O predicado se compõe do verbo *viaja* e tres complementos, cada um dos quaes exprime uma idéa modificadora do verbo.

Mas, se estes complementos não existissem, ainda o resto da sentença seria affirmação completa:

Pedro viaja.

O mesmo não aconteceria nesta outra sentença:

Pedro quer o livro.

O sujeito é *Pedro.*

O predicado: *quer o livro.*

Deste predicado, o verbo é *quer.*

E' transitivo, está na voz activa. O paciente do verbo, a cousa querida, *é o livro. O livro* é complemento do verbo, complemento paciente ou directo.

Comparem-se as duas sentenças:

Pedro viaja.
Pedro quer...

A primeira se entende. A segunda, sem mais nada, não é sentido completo. Quer isto dizer que os complementos do verbo *viaja* não são necessa-

rios á formação de um sentido completo, como o do verbo *quer*. Aquelles são circumstanciaes, este é essencial.

NOTA — No exercitar os alumnos em determinar complementos circumstanciaes ou accidentaes, não é de rigor que comecem por classificar se não circumstanciaes ou accidentaes os complementos. A idéa de accidentalidade é generica, e surge, no cerebro infantil, espontaneamente, deante dos factos ou sentenças. Lidarão com sentenças onde taes complementos appareçam, e, na variedade dos exemplos, a unidade em todos elles ganhará relevo, e, mais ainda, quando os confrontarem com os essenciaes.

Os complementos accidentaes que convem ir dando nos primeiros passos, são os de tempo, os de logar, os de modo. Depois, os de fim, de causa, de meio. E, com o tempo, os demais. Tudo, mediante sentenças que analysam, sentenças triviaes, colhidas ou não na linguagem correntia dos alumnos.

CAP. VIII

Adverbios

Consideremos um verbo qualquer. Seja, por exemplo: *cantar*, nesta sentença:

O canario cantou.

A acção de cantar, ahi expressa, é passada. Mas, o passado é muito extenso. A acção de cantar não se está realizando, mas já se realizou. Quando?

Se quizermos precisar o passado, temos que ajuntar ao verbo outra palavra. Por exemplo:

O canario cantou *hontem*.

A palavra *hontem* serve para precisar a circumstancia de tempo, já contida na forma do verbo: *cantou*.

A palavra que serve para completar o sentido do verbo, se denomina *adverbio*.

Vejamos noutras sentenças:

O canario cantou *tristemente*.

A palavra *tristemente* mostra o modo como o canario cantou. Assim, se dissessemos:

O canario cantou { alto.
sósinho.
alegremente.

Trata-se de um individuo, que, numa roda de amigos, não cessou de falar de certo modo. Como poderá só o verbo *falar* exprimir isto?

Não o póde. E' preciso que se lhe acrescentem adverbios.

Dir-se-á, por exemplo:

Fulano falou muito, hontem, ahi, desembaraçadamente.

Eis ahi quatro palavras que modificam o verbo *falar*: muito, indicando *quantidade*; hontem, precisando o *tempo;* ahi, evocando o *logar;* desembaraçadamente, exprimindo o *modo*.

São todas adverbios.

Adverbio é a palavra que ajunta ao verbo circumstancias, como a de tempo, a de logar, a de modo, a de quantidade, a de negação, etc..

O nosso idioma possue muitos adverbios. Uma só circumstancia póde exigir muitas palavras. Por exemplo, a de tempo. Eis alguns adverbios de tempo:

Hoje, hontem, amanhã, agora, já, depois d'amanhã, de presente, de futuro, etc.

O prestimo do adverbio é enorme. Só o já indicado, deixa claro a sua importancia. Mas, alem de

modificar o verbo, ainda o adverbio póde modificar outras palavras.

Supponhamos que uma creança vae comprar um chapéo para si. Experimenta um que lhe é pequeno; depois, outro que é grande. Em seguida, um maior ainda, contem cabeça e meia da sua. Se quizesse exprimir o tamanho desse terceiro chapéo, não diria bem se se exprimisse:

> Este chapéo é grande.

Mas sim:

> Este chapéo é muito grande, ou excessivamente grande, demasiadamente grande, etc..

As palavras *muito, excessivamente, demasiadamente,* ampliam o sentido do adjectivo *grande.*

Donde vemos que o adverbio tambem serve para modificar o adjectivo.

Agora, esta sentença:

> Caruso canta *bem.*

Ter-se-á, assim, expresso o nosso pensamento? O adverbio *bem* modifica o verbo *cantava.* Mas, não é só isto o que queremos dizer. Cantar bem, muitos conseguem. O que está em nossa mente, é mais do que cantar bem. Diremos então:

> Caruso canta *muito* bem.

Agora, a phrase se approxima do que imaginamos, graças á palavra *muito,* que ahi intensifica o adverbio *bem.*

Nessa altura, recapitulemos:

Fulano chegou *primeiro.*
O mar é *immensamente* fundo.
Caruso cantava *muito* bem.

Primeiro completa o sentido de *chegou,* verbo; *immensamente* completa o sentido de *fundo,* adjectivo; *muito* completa o sentido de *bem,* adverbio.

O adverbio é, pois, a palavra que modifica o sentido do verbo, do adjectivo ou do proprio adverbio.

NOTA. — O assumpto desta lição poderá ser explicado em tres dóses. A primeira, só a modificação do verbo. A segunda, do adjectivo. A' terceira, do proprio adverbio. Sempre mediante sentenças, das quaes derivem suavemente as noções.

LIÇÃO IX

Complementos essenciaes

Na sentença:

Joaquim cortou uma arvore.

O verbo *cortou* é transitivo. Joaquim é quem faz a acção de cortar, e uma arvore é a cousa cortada.

Uma arvore é o complemento paciente ou directo do verbo *cortar*.

Mas, se dissessemos apenas:

Joaquim cortou...?

Por certo, não seria cousa por si só comprehensivel. A phrase assim não seria sentença. O complemento *uma arvore* é essencial a que o resto da sentença se entenda.

Supponhamos esta outra sentença:

Joaquim cortou, hontem, no pasto, uma arvore.

O verbo cortar está completado por tres idéas: a do paciente, *uma arvore*, a de logar, *no pasto*, a de tempo, *hontem*.

Imaginemos esta sentença, sem a idéa de logar:

> Joaquim cortou, hontem, uma arvore.

E' um sentido completo. E' uma sentença.
Eliminemos a circumstancia de tempo:

> Joaquim cortou, no pasto, uma arvore.

Ainda se entende.
Se supprimirmos a idéa de tempo e tambem a de logar:

> Joaquim cortou uma arvore.

A phrase ainda forma um sentido comprehensivel, sem mais nada.

Mas, se não declararmos a cousa cortada:

> Joaquim cortou, hontem, no pasto?...

Certo, a phrase assim não se entenderia. Perguntariamos, logo, que cousa Joaquim cortou.

Vemos, pois, que os complementos do verbo são accidentaes, ou são essenciaes. Accidentaes aquelles cuja existencia não é indispensavel a que o resto da sentença se entenda por si só. Essenciaes, em caso contrario.

Examinemos:

> Joaquim cortou a arvore.
> Mario é estudioso.
> O constructor precisa de operarios.

Experimentemos dispensar, nestas sentenças, os complementos dos verbos:

> Joaquim cortou...
> Mario é...
> O constructor precisa...

Nenhuma destas phrases constituiria sentido comprehensivel. Os complementos *a arvore, estudioso* e *de operarios,* são complementos essenciaes dos respectivos verbos.

Alguns verbos têm, até, dois complementos essenciaes. Exemplo:

> Luiz offereceu um jantar aos seus amigos.

O sujeito é *Luiz.*

O verbo *offereceu.*

Que cousa? *Um jantar.* Complemento directo, ou paciente.

A quem offereceu Luiz um jantar? *Aos seus amigos.*

Se dissessemos assim:

> Luiz offereceu um jantar...

o sentido não estaria completo. A phrase *aos seus amigos* é essencial á comprehensão da sentença.

LIÇÃO X

Verbos relativos

Já conhecemos a classificação dos verbos em transitivos e intransitivos.

Transitivos são os verbos cuja acção *transita* de quem a faz, para ser ou seres differentes, que a recebam.

Intransitivos são os verbos cuja acção *não transita* de quem a pratica. O agente fica naturalmente com os effeitos de sua acção.

Alguns verbos ha, porem, que não se pódem considerar nem como transitivos, nem como intransitivos.

> Octavio rasgou o papel.
> Octavio anda.

Na primeira sentença, o verbo *rasgou* indica uma actividade realisada por Octavio, e recebida pelo papel.

Na segunda, o verbo *andar* exprime uma actividade effectuada por Octavio, e por elle mesmo recebida. Nem é possivel Octavio andar outra pessoa, ou cousa. Quem faz esta acção, fica necessariamente, com os seus effeitos.

Não ha difficuldade nenhuma em distinguir estes dois verbos.

Mas, alem delles, ha certos verbos intermedios. Supponhamos:

Octavio *assistiu* ao desastre.

Quem fez a acção de assistir?

Octavio. E' o agente.

E quem fica com os effeitos de assistir?

Sem duvida, Octavio mesmo.

Se dissessemos:

Octavio produziu o desastre,

o agente seria Octavio, e a cousa produzida, o desastre. A acção passaria do seu agente para ser differente.

Mas em:

Octavio assistiu ao desastre

a acção de assistir não passa de Octavio que a fez. Logo, o verbo não é transitivo.

Por outro lado, será intransitivo?

Compare-se com esta outra sentença:

Octavio grita no deserto.

A acção é feita por Octavio, e elle mesmo é o paciente. Em *Octavio assistio ao desastre,* a acção de assistir, embora não passe do seu agente, não se

poderia realisar sem uma cousa qualquer a que o agente assista. Esta alguma cousa não é paciente do verbo. Mas é essencial a que se possa produzir a acção expresssa.

Como este verbo, ha inumeros. Alguns exemplos:

Octavio precisa de conselhos.
Octavio pensou no passeio.
Octavio resiste ao choque.

Os verbos *precisar, pensar, resistir,* exprimem acções que não passam dos seus agentes, mas, por outro lado, sempre alguma cousa externa ha de existir, para que taes acções se possam realisár. Na primeira sentença, esta cousa é *de conselhos;* na segunda, é *no passeio;* na terceira, é *ao choque.*

Estes verbos que ficam entre os transitivos e os intransitivos, se chamam *relativos,* e a cousa sem a qual não se poderia realisar a acção, recebe o nome de complemento *indirecto.*

O complemento indirecto não é o paciente, porque o verbo a que elle se prende, não é transitivo. Mas representa alguma cousa indispensavel a que se possa exercer a acção verbal. Sem alguma cousa a que se assista, não se póde assistir; sem alguem, ou alguma cousa de que se precise, não se póde precisar; sem alguma cousa, ou pessoa em que se pen-

sé, não se póde pensar; sem alguma cousa, animal ou pessoa a que se resista, não se póde resistir.

NOTA — Nessa altura, já não são pequenas as difficuldades que os alumnos pódem encontrar. E' preciso evitar-lhes embaraços das abstracções, mediante o contacto incessante com os factos, o exame, a analyse de sentenças.

Embora não possam os escolares, logo de entrada, com algumas explicações apenas, ficar sabendo bem, sem confusão nenhuma, o assumpto, o professor terá sempre ensejo de repetir a sua explicação, em melhorar os exercicios oraes e escriptos, em que o trabalho dos alumnos deve ser o principal.

A classificação dos verbos é incompleta. Não ha mal nisto. Primeiro, porque todas sa classificações só têm realmente o valor de facilitar a comprehensão do assumpto, e não a preoccupação de exgotal-o. Depois, porque, no ensino, não se podem fazer, de entrada, classificações completas.

Esta mesma noção de verbos relativos não conseguem os escolares aprender bem. Talvez ficasse melhor esta lição no anno seguinte, devendo o professor fixar bem as noções de transitivo e intransitivo. No curso medio, a noção de verbo relativo se precisará melhor.

LIÇÃO XI

O verbo ser

Os complementos essenciaes, até aqui indicados, são de duas especies:

> O cavallo puxa o carro.
> Os meninos assistem ás aulas.

O primeiro, *o carro,* é paciente do verbo transitivo *puxa,* é complemento essencial, paciente, directo, ou objectivo.

O segundo, *ás aulas,* é complemento essencial do verbo relativo *assistem,* complemento indirecto.

Agora, estas sentenças:

> Elle é bom.
> Ella é bôa.
> Elles são bons.
> Ellas são bôas.

O verbo da primeira e da segunda: *é*; da terceira e da quarta: *são.*

O sujeito da primeira é *elle;* o da segunda, *ella;* o da terceira, *elles;* o da quarta, *ellas.*

Bom, bôa, bons, bôas, indicam as cousas que elle, ella, elles e ellas são.

Notemos que estes complementos do verbo *ser* concordam com o sujeito.

Ninguem diria:

Elle é bons, ou bôas.
Elles são bom, ou bôa.

Mas dir-se-á evidentemente:

Elle é bom, ou ella é bôa.
Elles são bons, ou ellas são bôas.

Estes complementos do verbo *ser,* em concordancia com os sujeitos, se denominam complementos *predicativos,* ou *attributivos.*

E, como os pacientes e os indirectos, são essenciaes. Reparemos:

Paulo foi estudioso no collegio.

Sujeito: *Paulo.*

Predicado: *foi estudioso no collegio.*

Deste predicado, o verbo é *foi.* Este verbo tem dois complementos: *estudioso* e *no collegio.*

Experimentemos retirar um delles:

Paulo foi no collegio...

Entende-se?

Agora, o outro:

Paulo foi estudioso...

Sem duvida, esta ultima phrase fórma sentido completo. E' uma sentença. O verbo *foi* com a phrase *estudioso* affirma cousa comprehensivel a respeito de Paulo. Mas a primeira phrase:

Paulo foi, no collegio...

está evidentemente incompleta.

Donde concluimos que o complemento *estudioso* é indispensavel ao sentido do verbo *foi*, e o complemento *no collegio*, que indica o logar, é accidental.

Confrontemos as tres especies de complementos essenciaes:

Os soldados abrem trincheiras.
A vida depende do sól.
Deus é eterno.

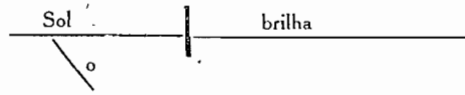
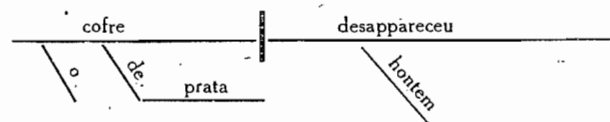
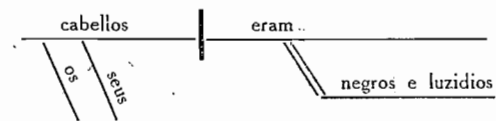
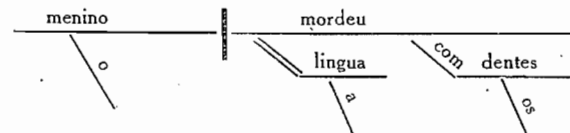
Os complementos — *trincheiras*, cousa aberta pelos soldados, o complemento *do sol*, cousa de que depende a vida, e o complemento *eterno*, cousa attribuida a Deus, são essenciaes.

Estes mesmos verbos poderiam estar modificados por complementos accidentaes:

Os soldados abrem, durante a noite, trincheiras.
A vida depende, sempre, do sol.
Deus é, necessariamente, eterno.

NOTA — Convem iniciar o uso dos diagrammas, como processo, visual, que facilita a comprehensão do pensamento na sua estructura verbal.

Exemplos de alguns diagrammas:

O sol brilha.

O cofre de prata desappareceu hontem.

Os seus cabellos eram negros e luzidios.

O menino mordeu a lingua com os dentes.

LIÇÃO XII

Verbos e numeros

Reparemos nos verbos destas sentenças:

> Faço o que posso.
> Fiz o que pude.
> Farei o que puder.

O verbo *fazer* se apresenta sob tres fórmas e assim o verbo *poder*.

Nas suas tres fórmas o verbo *fazer* exprime, sempre, a mesma acção. Mas, na primeira sentença, a acção já se está realizando, é presente. Na segunda, esta acção já se foi, é passada. Na terceira, a acção não se effectuou, não se está dando, mas promette ser, é o futuro. O mesmo com o verbo *poder*, nas mesmas sentenças.

São estes os tempos principaes: o passado, o presente e o futuro.

Na sentença:

> O mestre explica a lição.

O verbo é *explica*.

O sujeito: *o mestre*.

A lição é o complemento directo do verbo *explica.*

O sujeito é o agente da acção. Este agente é um só individuo. E se fossem dois ou mais, como nos exprimiriamos com acerto?

Dizendo:

Os mestres explicam a lição.

A analyse é a mesma. Apenas varia o numero do agente, e o verbo varia a sua terminação para indicar a pluralidade do seu sujeito.

Outro exemplo:

Tu irás embora.
Vós ireis embora.

Ou, então:

Elle irá embora.
Elles irão embora.
Eu irei embora
Nós iremos embora.

A acção, nestas seis fórmas, é, sempre, a mesma. O tempo tambem se conserva o mesmo.

E' o futuro. Mas varia a fórma, quando o agente é um, ou mais de um.

Eis as fórmas indicativas de singularidade:

Eu irei.
Tu irás.
Elle irá.

Eis as fórmas indicativas da pluralidade:

Nós iremos.
Vós ireis.
Elles irão.

LIÇÃO XIII

Pronomes e pessoas grammaticaes

Supponhamos que nos digam:

> O Vicente veiu ha pouco e João (João é quem fala) disse ao Vicente que o Vicente sentasse o Vicente. Mas o Vicente, não querendo sentar o Vicente, declarou a João: — Vicente veiu convidar João para João e Vicente darmos um passeio.

E assim proseguisse. Certo, não falaria direito. Deveria ser:

> O Vicente veiu ha pouco, e eu lhe disse que se sentasse. Mas elle, não querendo sentar-se, declarou-me: — Vim convidal-o, para darmos um passeio.

As palavras *eu, lhe, se, elle, me, o,* servem, nesta hypothese, para evitar a repetição dos nomes João e Vicente, alliviando a linguagem, tornando-a mais clara, mais breve, mais agradavel.

Estas palavras que substituem os nomes, para lhes evitar a repetição, se denominam *pronomes.*

São muitos os pronomes em nossa lingua. Eis alguns:

Eu, me, mim, migo
Tu, te, ti, tigo
Elle, ella, o, a, lhe, se
Nós, nos, nosco
Vós, vos, vosco
Elles, ellas, os, as, lhes.

Vejamos uma das razões de haver tantos pronomes.

Lembremo-nos do telephonio. Alguem fala, outrem ouve, e alguma cousa se diz. Sempre que se usa a linguagem, ha quem transmitta, ha quem fale ou escreva, ha quem ouça ou leia, e ha o que se diz, o assumpto, o objecto da linguagem. Não se pode usar naturalmente da palavra escripta ou oral sem estas tres posições: a de quem fala, a de quem ouve, e a do que se diz. Essas tres posições de transmissor, receptor e objecto da linguagem, são as pessoas grammaticaes.

Transmissor só pode ser o homem. Os animaes, ou as cousas materiaes não falam, a não ser figuradamente. A posição do transmissor da linguagem é a primeira pessoa.

Receptor tambem só pode ser o homem. A posição do receptor na linguagem é a segunda pessoa.

Objecto da linguagem, o que se diz, o que se ouve, ou se lê, pode ser pessoa, animal ou cousa. O

objecto da linguagem é a terceira pessoa grammatical.

Supponhamos esta sentença:

Eu avisei que nós chegariamos ás 2 horas.

Os pronomes são *eu* e *nós,* ambos da primeira pessoa. Mas o primeiro indica um só individuo. E o segundo, mais de um.

O mesmo em relação aos pronomes *eu* e *vós,* *elle* ou *ella,* e *elles* ou *ellas.*

LIÇÃO XIV

Verbo; indicativo e condicional.

Já não temos a menor duvida sobre o que seja o verbo. Ao passo que o substantivo nomeia os seres, o verbo nomeia as acções.

Cada verbo exprime uma certa acção. Por exemplo: *andar* e *falar* são duas acções que ninguem confunde.

Mas a mesma acção, *andar,* por exemplo, se exprime por varias fórmas.

Se é agora que se exerce, dizemos:

Eu ando
Tu andas
Elle anda
Nós andamos
Vós andaes
Elles andam

Se foi no passado, dizemos:

Eu andei
Tu andaste
Elle andou
Nós andâmos
Vós andastes
Elles andaram

Se fôr no futuro:

Eu andarei
Tu andarás
Elle andará
Nós andaremos
Vós andareis
Elles andarão

Podemos, por meio de uma regra simples, conjugar o futuro de todos os verbos. Bastará que se accrescente ao infinito as terminações: *ei, ás, á, emos, eis, ão.*

Assim:

andar, morrer, partir, por,	ei ás á emos eis ão

O mesmo, se trocarmos andar, morrer, partir ou pôr, por qualquer outro verbo.

Ainda do infinito podemos formar o futuro do condicional dos verbos, accrescentando-lhe as terminações: *ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.*

andar, morrer, partir, pôr,	ia ias ia iamos ieis iam

Fazem excepção a esta regra apenas os verbos *fazer, dizer* e *trazer*. A excepção consiste em eliminar do infinito a syllaba *ze*. Não se diz *fazerei*, ou *fazeria*, mas *farei*, ou *farias; dizerei* ou *dizeria*, mas *direi*, ou *diria; trazerei*, ou *trazeria*, mas *trarei, traria*.

Comparemos estas duas fórmas:

> Eu *estudarei* as lições.
> Eu *estudaria* as lições, se tivesse tempo.

A acção é a mesma: estudar. Mas, na primeira sentença, affirma-se esta acção com segurança: estudarei, estudei, estudo. Na segunda sentença, affirma-se a referida acção sem a mesma firmeza, mas em dependencia de alguma cousa: estudaria, *se tivesse tempo*.

A acção de estudar depende de ter tempo.

Quando se affirma simplesmente, ou com firmeza a acção, o verbo está no modo *indicativo*.

Quando se affirma a acção com dependencia de outra cousa, o verbo está no modo *condicional*.

LIÇÃO XV

Verbo; subjuntivo

Comparemos:

> Trabalhei muito, hontem.
> Trabalharia, se pudesse.
> Se eu trabalhar, ganharei dinheiro.

Na primeira sentença, se affirma simplesmente a acção de *trabalhar*. Na segunda sentença, esta mesma acção depende do poder. E na terceira: se eu *trabalhar?* Não se affirma, ahi com segurança, nem com dependencia. Mas com duvida. Admitte-se a possibilidade a hypothese de trabalhar.

Vejamos o mesmo phenomeno noutras sentenças:

> Ainda que *saiba,* não dirá.
> Se *souber,* dirá.
> Se *soubesse,* diria.

Em todos esses casos, a acção de saber é incerta, hypothetica, possivel.

O modo hypothetico de affirmar a acção se chama subjunctivo ou conjunctivo.

Póde estar no presente, no passado e no futuro. No *presente*:

Eu faça
Tu faças
Elle faça
Nós façamos
Vós façaes
Elles façam

No *passado*:

Eu fizesse
Tu fizesses
Elle fizesse
Nós fizessemos
Vós fizesseis
Elles fizessem

No *futuro*:

Eu fizer
Tu fizeres
Elle fizer
Nós fizermos
Vós fizerdes
Elles fizerem

Estas fórmas são derivadas de outras. E, em vez de querer aprender uma por uma, é preferivel conhecer a regra da formação destes tempos. Por ella podemos conjugar, de uma vez, todos os verbos.

Tomemos, como exemplo, o mesmo verbo: *fazer*.

O presente do indicativo, primeira pessoa, é:

Eu faço

Desta fórma se deriva o presente do subjunctivo. Basta substituir a terminação *o* por *a*.

Eu faça

E o mesmo se dá com os verbos da terceira e quarta conjugação.

Na primeira conjugação, a substituição se faz por *e*, e não por *a*.

Exemplo:

Eu amo, eu ame

As irregularidades que apparecem na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, subsistem no presente do subjunctivo.

Exemplo:

Eu caibo, eu caiba

O passado e o futuro do subjunctivo se formam da segunda pessoa singular do preterito perfeito do modo indicativo.

Com o verbo fazer. O preterito perfeito é:

Eu fiz
Tu fizeste

Elle fez
Nós fizemos
Vós fizestes
Elles fizeram

A segunda pessoa do singular é *fizeste*.

Substituindo-se a terminação *ste* por *esse*, temos o passado do subjunctivo.

Eu fizesse
Tu fizesses
Elle fizesse
Nós fizessemos
Vós fizesseis
Elles fizessem

Se substituirmos a terminação *ste* da segunda pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo, por *r*, temos o futuro do subjectivo:

Eu fizer
Tu fizeres
Elle fizer
Nós fizermos
Vós fizerdes
Elles fizerem

NOTA — O professor, para ensinar estas regras grammaticaes, deverá formular sentenças. Só depois de observar algumas, poderá legitimamente ensinar as regras indicadas.

LLIÇÃO XVI

Verbo; imperativo

Vimos que a acção dos verbos se póde affirmar simplesmente, ou com segurança, sem dependencia, ou subordinada a certos factos. No primeiro caso, o verbo está no modo indicativo. No segundo, está no modo condicional.

Leiamos, porem, estas sentenças:

Vá de pressa.
Não diga nada.

Os verbos *vá* e *diga* exprimem acção com idéa de ordem ou pedido. Essa idéa de mando, ordem, imperio, ou pedido, não se vê em outras fórmas, como por exemplo:

Eu vou embora.
Nós dissemos a verdade.
Eu teria ido á festa, se soubesse que você foi.

As fórmas verbaes que, alem da acção, exprimem idéa de ordem, se dizem estar no modo imperativo. Exemplo do imperativo do verbo andar:

Anda (tu)
Ande (você)

Andemos (nós)
Andae (vós)
Andem (vocês)

Ou, se a ordem fôr negativa:

(Não) *andes* (tu)
(Não) *ande* (você)
(Não) *andemos* (nós)
(Não) *andem* (vocês)
(Não) *andeis* (vós)

A differença está só no tratamento de *tu*, ou *vós*:

Anda tu, não *andes* tu
Andae vós, não *andeis* vós

As fórmas positivas, ou negativas, no tratamento de você, o senhor, nós, vocês, os senhores, são iguaes.

O imperativo dos verbos se forma, segundo regras invariaveis. Para comprehendermos bem, separemos as fórmas correspondentes a *tu* e *vós*. No imperativo positivo, ellas derivam das mesmas fórmas, no presente do indicativo, sem o *s* final.

Vejamos com o verbo *ir*.

O presente do indicativo é:

Tu *vaes*, vós *ides*

O imperativo é:

Vae tu, *ide* vós.

Se, porem, o imperativo fôr negativo, não se póde dizer: Não *vae* tu, ou não *ides* vós. Mas não *vás* tu ou não *vades* vós.

As fórmas tu e vós do imperativo negativo, derivam do presente do sujunctivo nas mesmas pessoas. Vejamos:

O presente do subjunctivo é:

Tu *vás*, vós *vades*

E o imperativo negativo:

Não *vás* tu, não *vades* vós

Poucos verbos exceptuam a esta regra. O imperativo do verbo ser é:

Sê tu, não sejas tu
Sêde vós, não sejaes vós.

Segundo a regra seria:

E' tu, soi vós.

As fórmas do imperativo, quer positivo, quer negativo, com o tratamento de você, vocês ou equivalentes, derivam da terceira pessoa do singular e da terceira do plural do subjunctivo presente:

Vá você, não vá você
Vão vocês, não vão vocês

A fórma do imperativo na qual a pessoa que manda, se inclue entre as pessoas mandadas, deriva, quer a positiva, quer a negativa, da primeira do plural do presente do sujunctivo:

Vamos, não vamos.

LIÇÃO XVII

Verbo: fórmas do passado no indicativo.

Nas lições anteriores vimos que o mesmo verbo tem numerosas fórmas para exprimir a mesma acção, mas variadas no tempo, no modo de affirmar, na pessoa e no numero. O conjuncto das fórmas de um mesmo verbo é a sua *conjugação.*

Já conhecemos o infinito, o presente, o preterito e o futuro do indicativo; o futuro do condicional; o presente, o preterito e o futuro do subjunctivo; e o imperativo, na affirmativa e na negativa.

Mas, de qualquer verbo, ainda ha outros tempos.

Supponhamos o verbo ter, haver, e ser.

No indicativo, o presente é:

tenho	hei	sou
tens	has	és
tem	ha	é
temos	havemos	somos
tendes	haveis	sois
têm	hão	são

O preterito perfeito é:

tive	houve	fui
tiveste	houveste	foste
teve	houve	foi
tivemos	houvemos	fomos
tivestes	houvestes	fostes
tiveram	houveram	foram

Differente deste, ha uma outra fórma de passado. Supponhamos:

> Eu *fui estudante,*
> Eu *era* estudante, quando V. nasceu.

Nos dois casos, *fui* e *era* são fórmas do passado do mesmo verbo. A primeira indica simplesmente o preterito. Mas, a segunda, alem do preterito, indica a presença em relação a outro preterito: *nasceu*. O ter eu sido estudante e o você nascer são dois factos que se deram ao mesmo tempo.

Outro exemplo:

> Pedro *dormiu* bem.
> Pedro *dormia,* quando cheguei.

Na segunda sentença ha dois verbos: *dormia* e *cheguei*. Ambos passados. Mas, o facto de dormir e o de chegar são simultaneos.

Já na primeira sentença, o facto de dormir é simplesmente passado, e não exprime simultaneidade com outro facto.

Dahi fórmas especiaes para significar o passado simples, e o outro passado, ou preterito imperfeito. Dos verbos ter, haver e ser, são estas as fórmas do preterito imperfeito:

tinha	havia	era
tinhas	havias	eras
tinha	havia	era
tinhamos	haviamos	eramos
tinheis	havieis	ereis
tinham	haviam	eram

Ainda o passado se exprime em outra fórma. Vejamos:

Elle *dormiu* muito.
Elle *dormia,* quando cheguei.
Elle *tinha dormido,* quando cheguei.

Em todos estes casos, a acção de dormir é preterita. A primeira exprime simplesmente o passado. A segunda exprime o passado, ao mesmo tempo que cheguei. E a terceira exprime o passado *antes* do outro passado, isto é, quando eu cheguei, já elle não dormia: tinha dormido.

Esta fórma de passado, anterior a outro passado, se denomina *preterito anterior.*

Assim é do verbo *dormir*:

Tinha dormido
Tinhas dormido
Tinha dormido

Tinhamos dormido
Tinheis dormido
Tinham dormido

Bem se está vendo que é uma fórma composta do verbo *ter* e do verbo *dormir;* póde-se exprimir a mesma idéa numa fórma simples, só com o verbo dormir:

dormira
dormiras
dormira
dormiramos
dormireis
dormiram

Fórma-se esse tempo, da segunda pessoa do singular do preterito perfeito, trocando a terminação *ste* em *ra.*

Por exemplo, do verbo fazer, a segunda pessoa do singular do preterito perfeito é *fizeste;* e o preterito anterior é:

fizera
fizeras
fizera
fizeramos
fizereis
fizeram

Assim, para qualquer outro verbo.

Dos verbos ter, haver e ser, são estas as fórmas do preterito anterior:

tivera	houvera	fôra
tiveras	houveras	fôras
tivera	houvera	fôra
tiveramos	houveramos	fôramos
tivereis	houvereis	fôreis
tiveram	houveram	foram

Por fim, ainda outra fórma do passado, no indicativo:

Eu estudei muito.
Eu estudava, quando elle chegou.
Eu tinha estudado, quando elle chegou.
Eu tenho estudado muito.

A ultima fórma: *tenho estudado* differe de *estudei*, por exprimir certa idéa de continuidade: não só uma vez estudei, mas continuadamente.

LIÇÃO XVIII

Verbo: fórmas dos futuros.

Já sabemos que o futuro do indicativo e o futuro do condicional se fórmam do infinito pelo acrescimo da desinencia ei, ás, á, emos, eis, ão, e ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.

Do verbo estudar:

Futuro indicativo		*Futuro condicional*	
estudar	ei	estudar	ia
	ás		ias
	á		ia
	emos		iamos
	eis		ieis
	ão		iam

Já sabemos tambem que o futuro subjunctivo se fórma da segunda pessoa do singular do preterito perfeito, substituindo por um *r*, na primeira pessoa, a terminação *ste*.

Do verbo estudar, fazer e partir:

estud	ar	fiz	er	part	ir
	ares		eres		ires
	ar		er		ir
	armos		ermos		irmos
	ardes		erdes		irdes
	arem		erem		irem

Mas, além destas tres fórmas do futuro, ha outras. Supponhamos:

Eu *estudarei* as lições.
Eu *terei estudado* as lições, quando elle *vier*.

As duas fórmas, *estudarei* e *terei estudado* exprimem acção que se vae realizar. São, pois, fórmas do futuro. Mas, ha, entre ellas, uma differença.

A primeira *estudarei* significa simplesmente o futuro. Mas a segunda, *terei estudado,* alem do futuro indica anterioridade em relação a outro futuro. Na sentença acima são futuros: *terei estudado* e *vier* Mas, se compararmos estes dois futuros, veremos que a acção de estudar será passada em relação á de *vir*. Quando elle vier, já terei deixado de estudar. Por isto se diz que terei estudado é *futuro anterior.*

terei estudado
terás estudado
terá estudado
teremos estudado
tereis estudado
terão estudado

Assim, no condicional:

Eu *iria,* se não fosse a chuva.
Eu teria *ido,* se não fosse a chuva.

E' evidente que não são eguaes as duas fórmas, não exprimem exactamente a mesma cousa.

Na primeira, eu *iria,* a acção de *ir* é uma possibilidade, dependente de uma condição: a chuva. Na segunda, *eu teria ido,* a acção de ir já não é uma possiilidade actual, ou futura, mas foi uma possibilidade, dependente da mesma condição: a chuva.

A primeira se devia denominar presente e futuro do condicional, e a segunda passado do condicional. São elles:

iria	teria ido
irias	terias ido
iria	teria ido
iriamos	teriamos ido
irieis	terieis ido
iriam	teriam ido

No chamado subjunctivo futuro, ha tambem duas fórmas:

> Se *fizer* a lição, ganho o premio.
> Se *tiver feito* a lição, ganho o prémio.

Não se diz ahi a mesma cousa. Na primeira sentença o verbo *fizer* exprime acção futura, duvidosa, hypothetica, possivel, e que é, ao mesmo tempo, a condição de ganhar o premio. Na segunda sentença, o verbo *tiver feito* exprime, tambem, a incerteza da acção, a duvida, a hypothese, a possibilidade. Mas é acção já feita em relação a de *ganho*, se acaso vier a existir.

Costuma-se denominar futuro imperfeito, ou futuro simples a primeira, e futuro perfeito, ou futuro composto a segunda.

São elles:

fizer	tiver feito
fizeres	tiveres feito
fizer	tiver feito
fizermos	tivermos feito
fizerdes	tiverdes feito
fizerem	tiverem feito

LIÇÃO XIX

Verbo: conjugação — paradigma.

Nessa altura, podemos recapitular a conjugação do verbo.

Já sabemos que o infinito dos verbos termina em *ar, er, ir* e *or,* e, conforme a terminação do infinito, a conjugação se diz 1.ª, 2.ª, 3.ª, ou 4.ª.

Em regra geral, todos os verbos se conjugam, segundo certo modelo. Eis verbos que pódem servir de modelo, ou paradigma:

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação	4.ª conjugação
estudar	vender	partir	por

INDICATIVO

Presente

estud	vend	part	p
o	o	o	onho
as	es	es	ões
a	e	e	õe
amos	emos	imos	omos
aes	eis	is	ondes
am	em	em	õem

Preterito imperfeito

estud	vend	part	p
ava	ia	ia	unha
avas	ias	ias	unhas
ava	ia	ia	unha
avamos	iamos	iamos	unhamos
aveis	ieis	ieis	unheis
avam	iam	iam	unham

Preterito perfeito

estud	vend	part	
ei	i	i	uz
aste	este	iste	uzeste
ou	eu	iu	oz
ámos	emos	imos	uzemos
astes	estes	istes	uzestes
aram	eram	iram	eram

Preterito perfeito composto

hei ou tenho	estudado
has ou tens	vendido
ha ou tem	partido
havemos ou temos	posto
haveis ou tendes	
hão ou teem	

Preterito anterior (fórma simples)

estud	vend	part	p
ara	era	ira	uzera
aras	eras	iras	uzeras
ara	era	ira	uzera
aramos	eramos	iramos	uzeramos
areis	ereis	ireis	uzereis
aram	eram	iram	uzeram

Preterito anterior (fórma composta)

havia	ou tinha	estudado
havias	ou tinhas	vendido
havia	ou tinha	partido
haviamos	ou tinhamos	posto
havieis	ou tinheis	
haviam	ou tinham	

Futuro

estud-ar	ei
vend-er	ás
part-ir	á
p-or	emos
	eis
	ão

Futuro anterior

ter	ei	estudado
haver	ás	vendido
	á	partido
	emos	posto
	eis	
	ão	

Modo CONDICIONAL

Imperfeito (simples)

estud-ar	ia
p-or	ias
part-ir	ia
vend-er	iamos
	ieis
	iam

Imperfeito (composto)

hav-er t-er	ia ias ia iamos ieis iam	estudado vendido partido posto

IMPERATIVO

Affirmativa

estud	a (tu) e (você) emos (nós) ae (vós) em (vocês)	vend	e (tu) a (você) amos (nós) ei (vós) am (vocês)
part	e (tu) a (você) amos (nós) i (vós) am (vocês)	p	õe (tu) onha (você) onhamos (nós) onde (vós) onham (vocês)

Negativa

não estud	es (tu) eis (vós)	não vend	as (tu) eis (vós)
não part	as (tu) eis (vós)	não p	onhas (tu) onhaes (vós)

NOTA — Com o tratamento de você, nós e vocês, as formas negativas e as positivas são eguaes.

SUBJUNCTIVO

Presente

estud	vend	part	p
e	a	a	onha
es	as	as	onhas
e	a	a	onha
emos	amos	amos	onhamos
eis	aes	aes	onhaes
em	am	am	onham

Preterito imperfeito

estud	vend	part	p
asse	esse	isse	uzesse
asses	esses	isses	uzasses
asse	esse	isse	uzesse
assemos	essemos	issemos	uzessemos
asseis	esseis	isseis	uzesseis
assem	essem	issem	uzessem

Preterito perfeito composto

haja ou tenha	
hajas ou tenhas	estudado
haja ou tenha	vendido
hajamos ou tenhamos	partido
hajaes ou tenhaes	posto
hajam ou tenham	

Preterito mais que perfeito composto

houvera ou tivera	
houveras ou tiveras	estudado
houvera ou tivera	vendido
houveramos ou tiveramos	partido
houvereis ou tivereis	posto
houveram ou tiveram	

Futuro imperfeito

estud	vend	part	p
ar	er	ir	uzer
ares	eres	ires	uzeres
ar	er	ir	uzer
armos	ermos	irmos	uzermos
ardes	erdes	irdes	uzerdes
arem	erem	irem	uzerem

Futuro perfeito

Houver ou tiver
Houveres ou tiveres
Houver ou tiver
Houvermos ou tivermos
Houverdes ou tiverdes
Houverem ou tiverem

estudado
vendido
partido
posto

Infinito ou infinitivo; presente impessoal

estudar vender partir por

Presente pessoal

estud	vend	part	p
ar	er	ir	or
ares	eres	ires	ores
ar	er	ir	or
armos	ermos	irmos	ormos
ardes	erdes	irdes	ordes
arem	erem	irem	orem

Preterito impessoal

haver ou ter

estudado
vendido
partido
posto

Preterito pessoal

ter ou haver teres ou haveres ter ou haver termos ou havermos terdes ou haverdes terem ou haverem	estudado vendido partido posto

Participio presente

estudando vendendo partindo pondo

Participio passado (simples)

estudado vendido partido posto

Participio passado (composto)

havido ou tido	estudado vendido partido posto

LIÇÃO XX

Verbos; auxiliares; conjugação na voz passiva.

Pela conjugação dos verbos, resumida na ultima lição, vimos que os tempos compostos se formam dos verbos *ter* ou *haver* e do participio passado do verbo que se conjuga.

Por exemplo, o preterito anterior do verbo *querer*:

tinha querido
tinhas querido
tinha querido
tinhamos querido
tinheis querido
tinham querido

ou

havia querido
havia querido
havias querido
haviamos querido
havieis querido
haviam querido

Os verbos ter ou haver, que auxiliam a conjugação dos verbos, se chamam auxiliares.

Tambem é auxiliar o verbo *ser* para a conjugação de outros, na voz passiva.

Já sabemos o que é a voz dos verbos. Recapitulemos.

Pedro *louvou* o seu acto.
O seu acto *foi louvado* por Pedro.

Na primeira sentença, o agente é o sujeito, e o paciente é o objecto directo. Na segunda, o sujeito é o paciente, e o agente passa a ser um complemento adverbial.

Só os verbos transitivos ou bi-transitivos pódem estar na voz passiva; os intransitivos, os relativos e os que não exprimem acção, não têm voz passiva.

Vejamos a conjugação do verbo louvar, na voz passiva:

INDICATIVO

Presente

sou és é	louvado, a	somos sois são	louvados, as

Preterito imperfeito

era eras era	louvado, a	eramos ereis eram	louvados, as

Preterito perfeito

fui foste foi	louvado, a	fomos fostes foram	louvados, as

Preterito perfeito (composto)

hei ou tenho sido has ou tens sido ha ou tem sido	louvado, a
havemos ou temos sido haveis ou tendes sido hão ou têm sido	louvados, as

Preterito anterior

havia ou tinha sido, ou fora havias ou tinhas sido, ou foras havia ou tinha sido, ou fora	louvado, a
haviamos ou tinhamos sido, ou foramos havieis ou tinheis sido, ou foreis haviam ou tinham sido, ou foram	louvados, as

Futuro

serei serás será	louvado, a	seremos sereis serão	louvados, as

Futuro anterior

haverei ou terei sido haverás ou terás sido haverá ou terá sido	louvado, a

haveremos ou teremos sido }
havereis ou tereis sido } louvados, as
haverão ou terão sido }

CONDICIONAL

Imperfeito

seria } louvado, a
serias }
seria }

seriamos } louvados, as
serieis }
seriam }

Imperfeito composto

haveria ou teria sido }
haverias ou terias sido } louvado, a
haveria ou teria sido }

haveriamos ou teriamos sido }
haverieis ou terieis sido } louvados, as
haveriam ou teriam sido }

Imperativo affirmativo

sê }
seja }
sejamos } louvado, a
sêde } louvados, as
sejam }

Imperativo negativo

(não) sejas }
(não) seja }
(não) sejamos } louvados, as
(não) sejaes } louvado, a
(não) sejam }

SUBJUNCTIVO

Presente

seja, sejas, seja } louvado, a — sejamos, sejaes, sejam } louvados, as

Preterito imperfeito

fosse, fosses, fosse } louvado, a — fossemos, fosseis, fossem } louvados, as

Preterito perfeito composto

haja ou tenha sido
hajas ou tenhas sido } louvado, a
haja ou tenha sido

hajamos ou tenhamos sido
hajaes ou tenhaes sido } louvados, as
hajam ou tenham sido

Preterito anterior

houvesse ou tivesse sido
houvesses ou tivesses sido } louvado, a
houvesse ou tivesse sido

houvessemos ou tivessemos sido
houvesseis ou tivesseis sido } louvados, as
houvessem ou tivessem sido

Infinito: presente impessoal

ser louvado, a

Presente pessoal

ser seres ser	louvado, a	sermos serdes serem	louvados, as

Preterito impessoal

haver ou ter sido louvado

Preterito pessoal

haver ou ter sido haveres ou teres sido haver ou ter sido	louvado, a
havermos ou termos sido haverdes ou terdes sido haverem ou terem sido	louvados, as

Participio passado composto

havendo ou tendo sido louvado, a
havendo ou tendo sido louvados, as

LIÇÃO XXI

Verbos: activo, passivo, reflexivo e neutro.

Notemos as differenças dos seguintes verbos, em relação aos respectivos sujeitos:

A aguia *vôa* acima das nuvens.
O menino *foi morto* pelo automovel.
Pedro *se feriu* com a navalha.
Maria *está* bem.

Na primeira sentença, o verbo *vôa* exprime a acção praticada pelo sujeito *a aguia*. Este sujeito é, por isto, o agente da acção verbal. E o verbo que, como este, exprime acção praticada pelo sujeito, se denomina *verbo activo*.

Na segunda sentença, o verbo *foi morto* exprime acção recebida pelo sujeito *o menino*. Este sujeito não é o agente, mas sim o paciente da acção verbal. O verbo cujo sujeito não é o agente, mas sim o paciente da acção, se chama *passivo*.

Como se vê, a passividade se constitue do verbo *ser* e o *participio passado* do verbo passivo. Mas, ha outros processos para apassivar o verbo. Exemplo:

A amizade *é provada* nas difficuldades.
A amizade *se prova* nas difficuldades.

No primeiro caso, a passiva se constitue do verbo *ser* mais o participio passado. No segundo caso, a passiva se constitue da particula *se* e do verbo que se quer apassivar. Esta particula se denomina, por isto, *particula apassivadora.*

Na terceira sentença:

> Pedro se feriu com a navalha.

o verbo *feriu* exprime acção praticada e recebida pelo sujeito. Quem feriu? Pedro. Quem foi ferido? O mesmo Pedro. O sujeito Pedro é, pois, o agente e, ao mesmo tempo, o paciente da acção verbal. O verbo transitivo que exprime acção praticada e recebida pelo sujeito, se denomina verbo *reflexivo* ou *pronominal*. A denominação de pronominal provem de vir sempre acompanhado de um pronome, em logar do nome, que faz de sujeito.

Na quarta sentença:

> Maria *está* bem.

o verbo *está* não é *activo*, não é *passivo*, não é *reflexo*. Apenas enuncia um estado do sujeito. O mesmo acontece nestes exemplos:

> O céo *é* azul.
> A creança *ficou* socegada.

O verbo *é* indica uma qualidade do céo, não exprime acção. O verbo *ficou*, egualmente, não expri-

me acção, mas indica um estado do sujeito: *a creança.*

O verbo que não exprime acção, cujo sujeito não é nem *agente* nem *paciente,* se chama *verbo neutro,* que quer dizer nem um, nem outro.

O verbo pronominal ou reflexo póde ser essencialmente ou accidentalmente pronominal. E' essencialmente pronominal, quando sempre se usa na voz reflexa.

Vejamos a conjugação de um delles, que sirva de paradigma a qualquer outro. Seja o verbo *queixar-se.*

INDICATIVO

Presente

Eu me queixo
Tu te queixas
Elle se queixa
Nós nos queixamos
Vós vos queixaes
Elles se queixam

Preterito imperfeito

Eu me queixava, etc.

Preterito perfeito

Eu me queixei, etc.

Preterito perfeito composto

Eu me hei ou tenho queixado, etc.

Preterito anterior simples

Eu me queixára, etc.

Preterito anterior composto

Eu me havia ou tinha queixado, etc.

Futuro

Eu me queixarei, etc.

Futuro anterior

Eu me haverei ou terei queixado, etc.

CONDICIONAL

Imperfeito

Eu me queixaria, etc.

Imperfeito composto

Eu me haveria ou teria queixado, etc.

Imperativo affirmativo

Queixa-te tu
Queixe-se você
Queixemo-nos nós
Queixae-vos vós
Queixem-se vocês

Imperativo negativo

Não te queixes tu
Não se queixe você
Não nos queixemos nós
Não vos queixeis vós
Não se queixem vocês

SUBJUNCTIVO

Presente

Eu me queixe, etc.

Preterito imperfeito

Eu me queixasse, etc.

Preterito perfeito composto

Eu me haja ou tenha queixado

Preterito mais que perfeito composto

Eu me houvesse ou tivesse queixado

Futuro imperfeito

Eu me queixar, etc.

Futuro perfeito

Eu me houver ou tiver queixado

INFINITIVO

Presente impessoal

Queixar-se

Presente pessoal

Queixar-me eu, etc.

Preterito impessoal

Haver ou ter-se queixado

Preterito pessoal

Haver-me ou ter-me eu queixado, etc.

Participio presente

Queixando-me

Participio passado composto

Havendo ou tendo-se queixado

LIÇÃO XXII

Predicação dos verbos

Já conhecemos o verbo transitivo. Exemplo:

O menino quebrou o copo.

O verbo *quebrou* tem por agente o *menino*, e, como paciente, *o copo*. Verbo transitivo é aquelle cuja acção póde passar de quem a faz, para outro ser, que a recebe.

Já sabemos o que é verbo intransitivo. Exemplo:

O menino cahiu.

A acção de cahir tem, como agente, o *menino*. Mas, os effeitos desta acção não passam, nem podem passar do mesmo ser que a exerce. O paciente é, sempre, e não póde deixar de ser o proprio agente.

Já vimos o que é verbo relativo. Exemplo:

O menino attenta na explicação.

A acção de *attentar* é exercida pelo *menino*. Mas esta acção não passa propriamente de seu agente. Por outro lado, ella não tem cabimento, se não

houver qualquer causa externa que lhe dê logar: a cousa em que se attenta. São os verbos relativos.

Tambem já examinamos que os verbos pódem estar na voz activa e na passiva.

Exemplos:

O menino *quebrou* os copos.
Os copos *foram quebrados* pelo menino.

Na primeira sentença, a sujeito é *o menino*, agente. Na segunda, o sujeito é os *copos*, paciente.

Está na voz activa o verbo cujo sujeito é agente da acção. E na voz passiva, o verbo cujo sujeito é o paciente.

Experimentemos pôr na voz activa o verbo desta sentença:

O menino cahiu.

O menino foi cahido? Não é possivel. O mesmo nesta outra sentença:

O menino attenta na explicação.

A acção de attentar é exercida pelo *menino*. Mas esta acção não passa propriamente de seu agente. Por outro lado, ella não tem cabimento, se não houver qualquer causa externa em que se attente. São os verbos relativos.

Só pódem ter voz passiva os verbos transitivos. Os outros só têm voz activa.

Os transitivos têm as duas.

O verbo *ser* não exprime acção. Não póde, por isto, ser transitivo, intransitivo, ou relativo. E' um verbo especial, serve principalmente para affirmar.

O verbo *ser,* os intransitivos e os relativos são verbos inapassivaveis. Só são apassivaveis os verbos transitivos.

A's vezes, o verbo transitivo se usa como intransitivo:

A criança já fala.
O mudo não fala.

Quem fala, fala alguma cousa. Normalmente, o agente é *um,* e o paciente, a cousa falada, é distincto do agente.

Mas, nas sentenças acima, o verbo *falar* está usado em sentido absoluto, é como se dissessemos: *fala tudo, ou nada fala,* ou *seja o que for.* Por isto, embora normalmente transitivos, ahi se usam intransitivamente.

Em sentido contrario:

Sonhei um sonho triste.

O verbo sonhar é intransitivo. Mas, empregado no sentido restricto, assume a fórma de transitivo, como neste exemplo.

Conhecidas as varias especies de verbos, podemos fazer uma nova classificação. De um lado, os verbos que, sem complemento, pódem, com o seu su-

jeito, formar sentido completo. E, do outro, os que o não pódem. Exemplos dos primeiros:

Os passaros morrem.
Os homens vivem.
As arvores farfalham.

Exemplos dos segundos:

Nós queremos...
Os passaros são...
As arvores precisam...

Estes tres ultimos verbos, ao contrario daquelles tres primeiros, não formam sentido comprehensivel, sem que se lhes accrescentem complementos.

Por isto estes verbos se dizem de *predicação incompleta.*

E os outros, os que, sem complemento, pódem formar predicado, são denominados de *predicação completa.*

LIÇÃO XXIII

Classificação do sujeito

Pedro morreu.
O *filho de Pedro* morreu.
Pedro e *Paulo* morreram.
O filho de Pedro e o neto de Paulo morreram.

O sujeito da primeira sentença é *Pedro*. E' um sujeito expresso numa só palavra.

Na segunda sentença, o sujeito é *o filho de Pedro*. Mas differente do primeiro; este sujeito não se exprime numa só palavra, constitue-se de quatro combinadas. Não obstante, é sómente a respeito da palavra *filho* que o verbo *morrer* affirma. Na phrase, não se diz que Pedro morreu, mas tão sómente que o filho delle morreu. De modo que, na estructura do sujeito, nem todas as palavras representam seres a que o verbo se refira directamente.

Na terceira sentença, o sujeito é *Pedro e Paulo*, formado de duas palavras, a cada uma das quaes o verbo se refere: ahi se affirma não só que Pedro morreu, mas tambem que Paulo morreu. O caso não é igual ao primeiro que, embora tambem formado de mais de uma palavra, não contem sinão uma só de que o verbo affirme.

Ainda no quarto caso, o sujeito se compõe de mais de uma palavra, são quatro, mas nem a todas o verbo allude directamente. Ahi não se declara que Pedro, ou Paulo morreu, mas sim que *filho* e *neto* morreram.

Por estes exemplos se averigua que o sujeito pode assumir quatro formas differentes. Ora se constitue de uma só palavra: é o sujeito *simples*. Ora se constitue de duas ou mais palavras, entre as quaes ha uma, a que o verbo se refere: é o sujeito *simples-ampliado*. Ora se estructura de varias palavras, de todas as quaes o verbo affirme: é o sujeito *composto*. Ora, por fim, se compõe de duas ou mais palavras, a mais de uma das quaes o verbo allude directamente, mas onde algumas ha, de que o verbo nada affirma directamente: é o sujeito *composto-ampliado*.

Resumindo, sujeito *simples* é o formado de uma só palavra a que o verbo se refira directamente. Sujeito *composto* é o que contem varias palavras, a mais de uma das quaes o verbo attribue directamente.

São as duas formas fundamentaes do sujeito. Em cada uma destas formas, ha, entretanto, duas variantes. Sujeito *simples não ampliado* é aquelle que contem uma só palavra. Sujeito *simples ampliado* é aquelle que, formado embora de mais de uma palavra, contem uma só a que o verbo allude directamente. Sujeito *composto não-ampliado* é aquelle que se compõe de mais de uma palavra, a todas as quaes o verbo se refere directamente, contendo, porém, uma

ou algumas a respeito das quaes o verbo nada affirma directamente.

Para mais clareza, a classificação acima de sujeito se póde reduzir a este eschema:

- Sujeito
  - *simples*
    - *não-ampliado*: *Pedro* morreu.
    - *ampliado*: *O filho de Pedro* morreu.
  - *composto*
    - *não-ampliado*: *Pedro e Paulo* morreram.
    - *ampliado*: *O filho de Pedro e o neto de Paulo* morreram.

LIÇÃO XXIV

Substantivo — numeros

O sujeito representa um ou varios seres, aos quaes se attribue o predicado.

O nome dos seres é o substantivo.

Examinemos os substantivos desta sentença:

O sol desapparece por detraz das serras.

Sol e *serras* são os substantivos desta sentença.

Mas *sol* exprime sómente um ser. E *serras* exprime mais de um. Vê-se que a mesma palavra póde significar um ou mais de um ser.

Exemplo:

O *menino* brinca.
Os *meninos* brincam.

O substantivo que indica um só individuo, dizemos que está no singular. O que indica mais de um, dizemos que está no plural.

E' o que se chama numero do substantivo. E' a propriedade de indicar um ou varios seres.

A casa foi derrubada.
As casas foram derrubadas.

A palavra *casa* está no singular. *Casas*, na segunda sentença, está no plural.

Donde vemos que basta accrescentar a letra *s* a certas palavras no singular, para que ella fique no plural. E' a regra geral da formação do plural dos substantivos.

Todavia, nomes ha, cujo plural se fórma de modo differente. Por exemplo:

> Estudamos as *lições*.
> Os *cães* mataram a onça.

Ora, o singular de *lições* é *lição*, e o de *cães* é *cão*. Pela regra geral, o plural seria *lições* e *cãos*. No emtanto se diz: *lições* e *cães*.

Algumas palavras terminadas em *ão* seguem a regra geral:

> Lavamos as mãos.

De modo que, os nomes terminados em *ão* formam o plural de tres maneiras: em *ãos*, *ões* e *ães*.

> Mão — mãos
> Coração — corações
> Pão — pães

Alguns nomes teem, no plural, uma, duas ou tres fórmas:

> Cidadão — cidadãos
> Cirurgião — cirurgiões, cirurgiães.
> Ancião — anciãos, anciões, anciães.

LIÇÃO XXV

Substantivo — numeros.

Vimos que, em regra geral, o plural dos nomes se fórma, juntando um *s* ao singular. E' o que succede com os nomes terminados em vogal pura ou nasal:

livro-livros
irman-irmans

Ponhamos, porem, no plural os substantivos destas sentenças:

O *jornal* de hoje está noticioso.
Pesca-se com *anzol.*
O *papel* é feito de madeira.
O agricultor comprou um *barril* de vinho.

No plural seriam:

Os *jornaes* de hoje estão noticiosos.
Pesca-se com *anzoes.*
Os *papeis* são feitos de madeira.
O agricultor comprou *barris* de vinho.

As regras são:

1.) Os nomes terminados em *al, ol e ul,* mudam o *l* final em *es.*

2.°) Os nomes terminados em *el* e os em *il* atono, mudam a terminação em *eis*:

papel — papeis.
fóssil — fósseis

3.° Os terminados em *il* tonico, mudam o *l* em *s*:

funil — funis

Outra sentença:

O *homem* trabalha.

Como diriamos no plural?

Os *homens* trabalham.

A regra é esta:

Os nomes terminados em *m* mudam esta desinencia em *ns*.

Ainda esta sentença:

Ha *flor* neste *mez*.

O plural dos substantivos seria

Ha *flores* nestes *mezes*.

Isto é, os nomes terminados em *r* ou *z*, recebem *es*.

E se no singular o nome já terminar em *s*?

> Comprei um *lapis*.
> Comprei dois *lapis*.

A fórma é a mesma, tanto do singular, como do plural.

E' rara a excepção, como *Deus*, cujo plural é *deuses*.

Os terminados em *x*, mudam o *x* em *ces*.

> Pedro bebeu um *calix* de remedio.
> Pedro bebeu dois *calices* de remedio.

Mas, conservam no singular a mesma fórma do plural, se o *x* se pronunciar *ks*, como na palavra *thorax*.

NOTA — Estas regras pódem ser dadas aos poucos, no decorrer das lições, hoje uma, amanhã outra. Uma aula virá, depois em que todas pódem ser synthetizadas. O que não aproveita, é mandar decoral-as. Os meninos já as empregam todas, ou quasi todas, no seu falar quotidiano. Bastará que o professor, a qualquer proposito, faça-os notal-as.

LIÇÃO XXVI

Substantivo — genero

Analysemos estas sentenças:

Os gallos cantam.
As gallinhas cacarejam.

O substantivo da primeira é *gallos* e da segunda, *gallinhas*.

São substantivos communs e estão no plural.

Mas o primeiro é do genero masculino, e o segundo do genero feminino.

Os substantivos em regra ora são do genero masculino, ora do genero feminino.

Os do genero masculino podem estar precedidos de *o*, no singular, ou *os*, no plural. Os do genero feminino de *a* ou *as*, conforme estejam no singular ou no plural.

Por exemplo:

A vacca muge.
As vaccas dão leite.
O boi é paciente.
Os bois pastam.

Vacca e *vaccas* são substantivos femininos, o primeiro no singular e o segundo no plural.

Boi e *bois* são substantivos masculinos, o primeiro no singular e o segundo no plural.

A regra é estarem no masculino os substantivos que nomeiam seres machos, e no feminino os que nomeiam seres femeas. Mas, essa regra só se refere aos animaes. As cousas materiaes, como cadeira, lapis, não têm sexo. Não obstante, taes nomes tambem são masculinos ou femininos.

Por exemplo:

Vejo uma cadeira e um livro.

Cadeira é feminino. *Livro* é masculino.

São masculinos os nomes terminados em *o*.

São femininos os nomes terminados em *a*.

De modo que conhecemos os generos dos substantivos, ou pela significação, ou pela terminação.

São masculinos os nomes dos animaes do sexo masculino, e os terminados em *o*.

São femininos os nomes dos animaes do sexo feminino, e os terminados em *a*.

LIÇÃO XXVII

Substantivo: *genero*

O *leão* vive nas florestas.
O *medico* salvou o doente.
O *pae* trabalha para os filhos.

No sujeito de cada uma destas sentenças, ha um substantivo masculino. O primeiro, *leão*, é ser vivo do *sexo masculino*. O segundo, *medico*, é o nome de *officio* proprio do homem. O termo *pae* é *estado* proprio do homem.

Dar-se-ia o contrario, se se dissesse:

A *leôa* é feroz.
A *costureira* trabalha bem.
A *mãe* vela pelo filho.

Leôa, *costureira* e *mãe* são femininos porque são nomes de seres femininos, officio ou estado proprio de mulher.

O mesmo succede, se os seres, em logar de reaes, forem *ficticios*, isto é, apenas imaginarios:

O *lobishomem* nunca existiu.
A *sereia* vive no mar.

Lobishomem é masculino, porque se imagina animal do sexo masculino.

Sereia é feminino, porque é nome de ser imaginado do sexo feminino.

Já estes nomes são masculinos, não por indicarem seres do sexo masculino, estado de officio proprio do homem:

> O *Amazonas* nasce no lago *Lauricocha*.
> O *Noroeste* sopra com *violencia*.
> Estive no *Itatiaya* em *março*.

Amazonas, Lauricocha e Noroeste, Itatiaya, março, são nomes masculinos por significarem respectivamente rio, lago, vento, monte e mez.

Já os nomes das cinco partes do mundo, das cidades e aldeias e ilhas, são femininos:

> — Europa, Asia, Africa, America e Oceania
> — Maceió, Jundiahy, Paris, Belem, Manáos
> — Madagascar, Irlanda, Marajó.

Por fim, ainda pelo sentido, são masculinos os nomes de *letras*, de *algarismos*, das *notas musicaes*.

Nestes exemplos:

> O selvagem vive nas matas.
> A selvagem vive nas matas.

o substantivo *selvagem* ora é masculino, ora é feminino. Como elle, ha muitos.

São os chamados *commum de dois*; têm uma só terminação para os dois generos.

Não se confundem os commum de dois com os promiscuos. Exemplos:

> O jacaré é feroz.
> José matou *a cobra*.
> *A testemunha* jurou falso.

De que genero é jacaré e cobra, macho ou femea? De que sexo é testemunha, homem ou mulher?

Um ou outro. A fórma do nome é a mesma para indicar o genero masculino ou feminino. Mas, ao contrario do commum de dois, o nome promiscuo está só no masculino ou só no feminino, indicando os dois generos. Comparemos:

> O *selvagem* vive nas mattas.
> A *selvagem* cantava.
> A *onça* macho foi morta.
> A *onça* femea fugiu.

Nos quatro exemplos, o substantivo não varia para significar o genero. Mas *selvagem* ora é masculino, ora é feminino, ao passo que onça, nos dois casos, é sempre nome feminino. Se, em vez de onça fosse jacaré, quer se tratasse de macho, quer de femea, o nome seria sempre masculino.

Selvagem é comum de dois.

Onça é promiscuo.

LIÇÃO XXVIII

Substantivo — genero, commum de dois

Numerosos susbtantivos têm masculino e feminino. Outros só têm masculino ou só feminino.

Livro, por exemplo, não tem feminino. *Casa,* não tem masculino. Mas, ao moço, que é masculino. corresponde o feminino moça; a cesto, cesta; a lenho, lenha.

A regra geral é a mudança da terminação masculina em *a.*

porco — porca
parente — parenta
gigante — giganta
hospede — hospeda
monje — monja

Outras vezes, porem, os nomes masculinos fórmam o feminino em *essa, eza* e *iza.*

abbade — abbadessa
conde — condessa

barão — baroneza
principe — princeza

propheta — prophetiza
poeta — poetiza

Alguns têm o feminino parecido com o masculino, mas sem obedecer ás regras acima:

leitão — leitoa
cidadão — cidadã
mocetão — mocetona
irmão — irmã
actor — actriz
heróe — heroina
rapaz — rapariga
réo — ré
avô — avó
frade — freira

Ainda outros ha, cujo feminino nem se parece com o masculino:

homem — mulher
marido — mulher
pae — mãe
cavalheiro — dama
touro — vacca
carneiro — ovelha
bóde — cabra
cavallo — egua
genro — nora
burro — mula
cão — cadella

Tambem alguns ha, com a mesma fórma para o masculino e para o feminino, como:

o artista — a artista
o pianista — a pianista
o indigena — a indigena

Tambem se conhece o genero do substantivo pela terminação. Já vimos que são masculinos os terminados em *o*, e femininos, os terminados em *a*. Mas alem dessas duas regras geraes, ha outras, que mais facilmente se aprendem na pratica. Não ha, para os principiantes, grande vantagem no conhecimento theorico das taes regras, tanto mais quanto soffrem ellas grandes excepções.

LIÇÃO XXIX

Substantivo — proprio e commum

Na sentença:

O Brasil é o meu paiz

ha dois substantivos: *Brasil* e *paiz*.

O Brasil é o sujeito, simples.

O predicado: *é o meu paiz*. O verbo, *é*. *O meu paiz* é o complemento predicativo.

Deste complemento, o termo principal é: *paiz*; *o* e *meu* lhe completam o sentido, são complementos restrictivos do substantivo *paiz*.

Comparemos os dois substantivos desta sentença:

Brasil e paiz.

O primeiro indica um paiz certo e determinado, e não póde indicar senão um só.

O segundo, *paiz*, é palavra que se póde applicar a qualquer paiz.

Outros exemplos:

O Manuel anda pelos recreios.
Os meninos brincam sob a direcção do Armando.

Na primeira sentença, *Manuel* se refere a uma certa pessoa, não designa qualquer homem.

Mas, a palavra *recreios* é nome que se póde applicar a qualquer recreio.

Meninos se póde applicar a qualquer. *Armando*, não, só se póde applicar a certos, e, quando usado, se refere sómente a um.

De modo que o substantivo póde ser de duas especies: ou significa qualquer do seu genero, ou não pode significar qualquer. Quando muito alguns de um certo genero. Mas, quando empregado, só significa um determinado.

As palavras João, Decio, Luiz, pódem nomear varias pessoas. Não podem significar todos os homens. E, quando falamos de João, Decio, ou Luiz, sempre nos referimos a um certo.

Estes substantivos se chamam proprios.

Os outros, communs.

Reparemos bem:

> Os homens são mortaes.
> Paulo é meu irmão.

Os nomes *homens* e *irmão* podem-se applicar a qualquer homem, a qualquer irmão. Já Paulo não significa qualquer homem. Mas apenas, os individuos que receberam este nome.

Por outro lado, *homem* e *irmão* podem estar normalmente no plural, e Paulo só se usa, normalmente, no singular.

Afinal, quando falamos ou escrevemos Paulo, só mencionamos um individuo certo, ao passo que os nomes *homem* e *irmão* podemos usar no plural:

Paulo tem muitos irmãos.

Paulo é substantivo proprio.
Irmão é substantivo commum.

LIÇÃO XXX

Substantivo — concreto e abstracto

Comparemos os substantivos desta phrase:

Os camponezes gozam saude.

São substantivos: *camponezes* e *saude*.

Camponezes é nome de ser que existe por si mesmo.

Mas *saude* não é nome de cousa que tenha existencia propria. Quem já se esbarrou com a saude, como se encontra uma pessoa, um animal, uma arvore, ou uma parede?

Saude não é nome de cousa que exista por si mesma. Indica uma realidade que só existe em outros seres. Como *saude,* ha muitos nomes. Por exemplo: brancura, bondade.

A brancura das nuvens...
A bondade dos homens...

Sem nuvens, ou outra qualquer cousa branca, não ha brancura. Sem homens, ou outro qualquer ser bom, não ha bondade.

Bondade, brancura, são nomes de cousas que só existem em outras cousas.

O contrario se nota em phrases com estas:

> Os passaros voam.
> Os montes azulam no horizonte.

Passaros ou *montes* existem por si mesmos.

Em:

> A côr dos passaros agrada

o substantivo *côr* é differente do substantivo *passaros,* não só por significarem cousas diversas, como tambem porque *côr* não é nome de cousa que exista por si mesma, ao contrario de *passaros.*

Onde a côr sem alguem, ou algum animal, ou alguma cousa que a tenha?

Reparemos bem:

> A bondade dos homens é rara.

Bondade não é cousa autonoma, ao passo que *homem* é nome de ser que existe por si mesmo. Este nome é substantivo concreto. Aquelle, substantivo abstracto.

Substantivo concreto é o nome dos seres com existencia propria.

Substantivo abstracto é o nome dos seres que não têm existencia propria.

LIÇÃO XXXI

Substantivos compostos, numeros

Substantivos ha que se formám de duas palavras. São por isto substantivos compostos. Reparemos nestes exemplos:

carta-bilhete
pontapé
guarda-chuva
bota-fóra

No primeiro caso os dois elementos são substantivos, palavras variaveis, e se acham separadas por um hyphen (-). Neste caso, o plural se fórma como se fossem duas separadas: variam os dois elementos componentes. Dizemos:

Adquiri duas *cartas-bilhetes*.

No segundo caso o substantivo é formado de ponta e de pé. Mas os dois elementos estão juxtapostos, não estão separados por um hyphen. Neste caso se diz:

Elle deu pontapés no rosto.

Quer dizer: só o ultimo elemento componente do substantivo é que varia.

E' o que egualmente succede no terceiro caso em que, embora os dois elementos componentes se achem separados por um hyphen, o primeiro elemento, guarda (verbo), não tem plural, guardas. Por isto se diz:

Um guarda-chuva.
Dois guarda-chuvas.

No ultimo caso, os dois elementos do substantivo são invariaveis. *Bota* (verbo) e *fóra* (adverbio), não têm plural botas e fóras. Por isto, o plural do substantivo bota-fóra é egual ao seu singular.

Tenho ido aos bota-fóra dos meus amigos.

E' interessante notar-se que certos substantivos só se usam no plural, como *ferias, nupcias, bofes, viveres, arredores, exequias.*

Outra particularidade notavel é a mudança do *o* mudo em voz aberta:

fôgo — fógos
fôro — fóros
côro — córos
glôbo — glóbos

Nem com todos os substantivos se dá esta mudança. Por exemplo:

repôlho — repôlhos
côco — côcos
esbôço — esbôços
môrros — môrros
rôsto — rôstos

LIÇÃO XXXII

Substantivo; gráos

Já sabemos que o substantivo é o nome dos seres.

Pódem indicar um ou mais de um ser. Dahi o numero singular e o numero plural.

Pela significação ou pela terminação, os substantivos ora são masculinos, ora femininos.

Alguns são proprios, isto é, nunca podem designar todos os individuos de uma classe, e, quando empregados, significam um só individuo. Outros são communs, isto é, pódem ser usados para significar qualquer ou todos os individuos da mesma especie.

Seres nomeados pelos substantivos pódem ter existencia propria, como papel, ou só existirem como parte, qualidade, attributo ou relação dos seres. Dahi a divisão dos substantivos em concretos e abstractos.

Vimos, por fim, que o mesmo substantivo póde ser formado de duas ou mais palavras, são os substantivos compostos, como *para-raio, bem-te-vi, passa-tempo, madre-perola, lança-perfume.*

Ha variações do mesmo substantivo, conforme ás dimensões do objecto que elle nomeia.

Por exemplo:

Livro, livrão, livrinho.

E' o mesmo substantivo, que varia na sua terminação, para significar a grandeza commum, e a grandeza acima ou abaixo da commum.

E' o que se chama *gráo* do substantivo.

Quando designa o objecto em sua dimensão normal ou commum, o substantivo está no gráo positivo ou normal: livro. Se indica o objecto em sua dimensão acima do commum, o substantivo está no gráo augmentativo: livrão. Se exprime o objecto em sua dimensão abaixo do commum, o substantivo está no gráo diminutivo: livrinho.

E' pela terminação que se conhece o gráo do substantivo.

Vejamos no augmentativo:

homem — homen*zarrão*
livro — livr*ão*
casa — casa*rão*
barca — barc*aça*
carta — cart*az*

São, nestes casos, flexões augmentativas: *ão*, *zarrão*, *rão*, *aça*, *az*.

Agora, no diminutivo:

livro — livr*inho*
homem — homen*zinho*
casa — cas*ita*
rapaz — rapag*ote*
jogo — jogu*ete*
camara — camar*im*
pelle — pell*ica*
senhora — senhor*inha*, senhor*ita*, senhora*zinha*.

São flexões diminutivas nos exemplos ahi citados: *inho, zinho, ita ote, ete, im, ica.*

LIÇÃO XXXIII

Os complementos do verbo; natureza e fórmas.

Os complementos podem ser essenciaes, ou accidentaes.

São essenciaes: o directo, o indirecto e o predicativo:

> Vemos *o céo azul.*
> Respondo *á sua carta.*
> Sou *mortal.*

São accidentaes os que exprimem circumstancias como: tempo, logar, modo, negação, fim, sob que se realiza a acção verbal.

> Não sahi de casa, hontem, com amigos.

Mas cada um destes complementos podem ter fórmas differentes.

Supponhamos:

> Vi Paulo.
> Vi Pedro e Paulo.

O verbo *vi* é transitivo. O seu sujeito: *eu;* o seu complemento directo, na primeira sentença, *Paulo,* e, na segunda *Pedro* e *Paulo.*

O primeiro complemento directo é *simples*; e o segundo é *composto*. O composto equivale a dois complementos. Não vi, apenas, uma pessoa, mas duas. E' como se dissessemos: vi Pedro e vi Paulo.

Mas, o complemento, simples, ou composto, ainda pode ter duas fórmas:

Vi Paulo.
Vi o filho de Paulo.

O objecto directo, na primeira sentença, é *Paulo*. Na segunda, é *o filho de Paulo*.

O primeiro se fórma de uma só palavra, *Paulo*, pessoa vista, o paciente. O segundo conta dois substantivos: *filho* e *Paulo*. Mas os dois não representam o paciente. Não se diz que vi Paulo, mas sim o filho delle. O substantivo *Paulo*, serve para explicar qual o filho que vi. Não foi o filho de Raul, de João, de Martim. Mas, o de Paulo.

O complemento directo, que, embora com mais de uma palavra, só conta uma, representando o paciente, se chama *simples-ampliado*.

O mesmo acontece com os complementos directos compostos:

Vi Pedro e Paulo
Vi o filho de Pedro, e a filha de Paulo.

Na segunda sentença os seres vistos são *filho* e *filha*. Na primeira, *Pedro* e *Paulo*. Mas, na segunda, além de *filho* e *filha*, representativos dos pacientes, o

complemento se compõe tambem de *o*, e de *Pedro*, de *a*, e de *Paulo*. Por isto, é complemento *composto-ampliado*.

Resumindo:

Vi { Pedro
o filho de Pedro
Pedro e Paulo
o filho de Pedro e a filha de Paulo.

O primeiro é *simples*. O segundo é *simples-ampliado*. O terceiro é *composto*. E o quarto é *composto-ampliado*.

NOTA — O professor, mediante exercicios, mostrará que o mesmo succede com os outros complementos.

LIÇÃO XXXIV

Complemento restrictivo

Já sabemos que podem ser ampliados, ou não, os complementos e o sujeito.

Gosto de livros.
Gosto de livros de historias.

O objecto directo da primeira sentença, *livros*, é simples; e o da segunda, *livros de historias* é simples-ampliado.

O seu termo principal é *livros*. A phrase *de historias* é complemento do substantivo *livros*.

Estes complementos dos substantivos se denominam complementos *restrictivos*.

Vejamos bem o que elles valem.

Na primeira sentença o nome *livros*, se refere a qualquer. Já na segunda a palavra *livros* não significa qualquer, mas só os de *historias*.

Se dissessemos:

Gosto deste livro,

a palavra *livro* não designaria qualquer, ou mesmo alguns, mas um determinado.

Reparemos bem:

Gosto { de livro. / de livro de historias. / deste livro.

A palavra *livro* ora significa qualquer, ora alguns, ora um.

Quando só, exprime qualquer. Quando modificado por um complemento restrictivo, significa, não qualquer, mas alguns, ou certo e determinado.

A propriedade que tem o substantivo, de se applicar a mais de um objecto, se denomina *extensão*.

O complemento restrictivo serve, sempre, para diminuir a extensão de um substantivo.

Uso chapéo.
Uso chapéo de palha, ou de panno.
Uso chapéo novo, ou bonito.

O substantivo *chapéo*, na primeira sentença, tem extensão total. Nas duas outras, a sua extensão se restringe. *De palha*, ou *de panno*, *novo* ou *bonito*, restringem a extensão do substantivo *chapéo*. Nas duas ultimas phrases, *chapéo* não se applica senão aos *de panno*, *de palha*, aos *novos* ou *bonitos*. Exclue os feios, os velhos os que não se fizeram de palha, ou de panno.

O complemento restrictivo póde ser uma só palavra, como em:

Uso chapéo *novo*.

Ou mais de uma, como em:

Uso chapéo *de palha*.

As palavras que o formam, pódem ser duas ou mais:

Uso chapéo *de palha*.
Uso chapéo *de palha azul*.

Quando formada de mais de uma palavra, duas são constantes: uma é o substantivo e a outra é a que se chama *preposição*, ou palavra que serve para ligar duas outras.

LIÇÃO XXXV

Adjectivo; noção

Os complementos restrictivos pódem ser de duas especies:

Gosto das flôres do matto.
Gosto das flôres silvestres.

Nestas duas sentenças, os complementos são simples ampliados. O termo principal de ambos é *flôres*.

Mas, no primeiro, esse substantivo se acha modificado pelo complemento *do matto*; e, no segundo, pelo complemento *silvestres*.

Um e outro restringem a extensão do substantivo *flôres*. Um e outro são complementos restrictivos.

Mas o primeiro se forma de duas palavras: *matto* e *de*. Já o segundo se constitue de uma só palavra: *silvestres*.

A palavra que diminue a extensão do substantivo, se chama adjectivo.

E' esta a noção fundamental do adjectivo. Sem-

pre se prende a um substantivo, para lhe restringir a extensão.

Verifiquemos nestes exemplos:

Apontei	o *meu* lapis.
	dois lapis.
	o lapis *vermelho*.
	esse lapis.
	o lapis.

As palavras *meu, dois, vermelho, esse, o,* restringem a extensão do substantivo *lapis*. Em qualquer destas phrases, não se trata de qualquer lapis. Na primeira, é de *meu* lapis, e ha tantos outros que não são meus, e que poderiam ser nomeados pela palavra *lapis*.

Na segunda, a palavra *lapis* designa *dois*, e ha innumeraveis outros.

E assim por deante.

Meu, dois, vermelho, esse, o, são adjectivos.

LIÇÃO XXXVI

Adjectivo; especies.

O adjectivo é a palavra que restringe a extensão do substantivo.

Mas alem desta restricção, ainda póde accrescentar ao substantivo idéa nova.

Por exemplo:

> Elle cortou os *seus* cabellos.

Não se diz que *elle* cortou quaesquer cabellos, mas os *seus*. O adjectivo *seus*, alem de restringir a extensão do substantivo cabellos, dá idéa de posse.

E', pois, adjectivo *possessivo*.

Não ha quem não saiba que exprimem posse:

> Meu, minha, meus, minhas
> Teu, tua, teus, tuas
> Seu, sua, seus, suas
> Nosso, nossa, nossos, nossas
> Vosso, vossa, vossos, vossas

Agora, esta sentença:

> Andei por terras *vermelhas*.

O adjectivo *vermelhas*, alem de restringir a extensão do substantivo *terras*, indica uma qualidade, uma côr. Differente seria, se dissessemos:

Andei por terras *brancas*, ou *amarellas*.

Brancas, *amarellas*, exprimem qualidades do substantivo *terras*.

Nesta sentença:

Repousa a cabeça em almofadas *macias*.

macias restringe a extensão de *almofadas*, e lhe indica uma qualidade. São innumeraveis as palavras que exprimem qualidades dos substantivos. Denominam-se, *adjectivos qualificativos*.

Em:

Derrubei *muitas* arvores.

o adjectivo *muitas* exprime qualidade, como tambem em:

Vi *duas* andorinhas voando.
Observei *numerosas* estrellas no céo.
Estou no *segundo* anno da escola.

Os adjectivos *duas*, *numerosas*, *segundo*, alem de restringir a extensão dos substantivos *andorinhas*, *estrellas*, *anno*, significa quantidade. Em *muitas*, *numerosas*, a quantidade é incerta. Em *duas*, a quantidade é certa. Em *segundo*, alem de certa, ainda

indica a ordem, a posição: está entre a primeira e a terceira. Todos esses adjectivos que exprimem qualidade, se dizem *quantitativos*.

Na sentença:

Dê-me *aquelle* copo.

o adjectivo *aquelle* indica o logar em que está o copo, em relação a quem fala, e a pessoa á quem se fala. Vejamos:

Dê-me { *aquelle* copo. / *este* copo. / *esse* copo.

Estes adjectivos são chamados locativos, ou *demonstrativos*.

Se alguem nos disser:

Examinei *o* sitio;

por certo, o sitio de que se fala, não é qualquer. Mas um determinado. *O* serve para individualizar, ou particularizar o substantivo.

O contrario seria, se dissessemos:

Traga-me *um* livro.

Agora, se trata de qualquer, não este ou aquelle, mas *um* qualquer.

O, a, os, as, são adjectivos *articulares*, ou *artigos definidos*.

Um, uma, uns, umas, são adjectivos *indefinidos*.

LIÇÃO XXXVII

Adjectivo; genero e numero

O adjectivo, como palavra que restringe o substantivo, varia para concordar com elle em genero e numero.

> Comprei um *bom* cavallo.
> Comprei *bons* cavallos.
> Comprei uma *bôa* casa.
> Comprei *boas* casas.

Nestas quatro sentenças, a qualidade é sempre a mesma: a bondade. Mas, são quatro as fórmas do adjectivo que a exprime: *bom, bons, boa, boas.*

Já conhecemos o genero e o numero dos substantivos. Pois, o adjectivo tambem varia de fórma, segundo o genero e o numero do substantivo que restrinja.

O adjectivo terminado em *o* ou *eu*, no masculino, muda a letra final em *a*, para o feminino.

> louro — loura
> atheu — atheá

Meu, porem, faz minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; ilhéo, ilhoa; sandeu, sandia.

Nestas sentenças:

Elle { é portuguez
é hespanhol
é organizador

O arroz está crú.

os adjectivos estão no masculino, e o feminino seria:

Ella { é portugueza
é hespanhola
é organizadora

A farinha está cru*a*.

Donde se vê que os adjectivos terminados em *ez, ol, ar* e *u,* fazem o feminino com o accrescimo de um *a.*

Ha excepções que, na pratica, se aprendem facilmente. Todos conhecem alguns invariaveis, como os destas sentenças:

Elle ou ella é { melhor
peior
maior
menor

A compra é { anterior
posterior
superior
inferior

Pedro ou Maria é cortez.
Elle é mau.
Ella é má.

Numerosos são os adjectivos invariaveis ou uniformes, quanto ao genero:

negocio ou compra *regular*
papel ou caneta *azul*
exercicio ou lição *simples*
homem ou mulher *ruim*
dia ou noite *breve*
criado ou criada *fiel*
rei ou rainha *atroz*
menino ou menina *capaz*

Já os terminados em *ão*, mudam esta desinencia em *ã*, *ona* ou *oa*.

são — sã
chorão — chorona

Outras variações do masculino ou do feminino facilmente se reconhecem na leitura, ou no falar quotidiano.

Para exprimir o numero, os adjectivos seguem as mesmas regras da formação do plural dos substantivos.

NOTA. — As noções desta lição poderão ser aprendidas á medida que forem apparecendo os factos correspondentes. Aqui se acham reunidas apenas como lembrança ao professor.

LIÇÃO XXXVIII

Adjectivo; gráos

Examinemos o mesmo adjectivo, nestas sentenças:

> Mario é *alto*.
> Mario é *mais alto* que Pedro.
> Mario é *altissimo*.

A qualidade é a mesma; mas, no primeiro caso, ella é enunciada *simplesmente*; no segundo, *comparativamente*; e, no terceiro, *encarecidamente*.

Dahi os gráos dos adjectivos: *positivo* ou *normal*, *comparativo* e *superlativo*.

No comparativo ha tres fórmas:

> Mario é *tão alto* quanto Pedro.
> Mario é *mais alto* que Pedro.
> Mario é *menos alto* que Pedro.

Vê-se, pelo sentido, que a primeira fórma é de egualdade; a segunda, é de superioridade, e a terceira é de inferioridade.

Mas, em logar de antepor ao adjectivo o adverbio *mais*, no comparativo de superioridade, certos adjectivos têm fórma synthetica. Por exemplo:

Mario é { *melhor* / *maior* / *menor* / *peior* } que Pedro.

em logar de se dizer:

mais bem
mais grande
mais pequeno
mais mau

que seriam as fórmas analyticas.

No superlativo ha tambem fórmas analyticas e syntheticas.

Paulo é *muito justo* ou *justissimo*.
O trabalho é *muito facil* ou *facilimo*.
O camponez é *muito pobre* ou *pauperrimo*.

As terminações do superlativo, nestes três exemplos, são: *issimo*, *imo*, *errimo*.

Reparemos no superlativo destes adjectivos:

feliz — felicissimo
integro — integrissimo, integerrimo
nobre — nobrissimo, nobilissimo

O superlativo não se fórma apenas juntando ao positivo a terminação *issimo* ou *errimo*, mas segundo a sua fórma antiga.

Outros, ainda, têm o superlativo muito differente. Vejamos alguns que a cada momento se encontram:

bom	—	bonissimo	—	optimo		
mau	—	malissimo	—	pessimo		
grande	—	grandissimo	—	maximo		
pequeno	—	pequenissimo	—	minimo		
baixo	—	baixissimo	—	infimo		
alto	—	altissimo	—	supremo	—	summo

Na leitura dos bons escriptores, se aprendem suavemente estes e outros casos.

LIÇÃO XXIX

Preposição.

Analysemos estas duas sentenças:

Paulo plantou café.
Paulo precisa de colonos.

O verbo da primeira é *plantou*. Transitivo. Voz activa.

Sujeito *Paulo*, agente, singular.

A palavra *café* completa o sentido do verbo plantou, é complemento directo ou paciente.

Na segunda sentença, o sujeito é *Paulo*.

O verbo é *precisa*. Esse verbo pede complemento essencial. Quem precisa, de alguma cousa ha de ser. De que cousa Paulo precisa? *De colonos*. E' complemento indirecto.

Mas este complemento se forma de duas palavras. Uma dellas, *colonos*, é substantivo, nome de gente. A outra não é nome de cousa, nem é nome da actividade. E' uma particula, que serve, na sentença indicada, para ligar o substantivo *colonos* com o verbo *precisa*.

Ha muitas palavras com esta funcção. Exemplos:

> Odette abre *com força* a porta.
> O tio *de José* foi *para Santos.*

A phrase *com força,* na primeira sentença, se forma de duas palavras: *força* e *com.* A primeira é substantivo, nome de cousa; e a segunda não é nome de cousa, nem de actividade. Serve para ligar o substantivo *força* com o verbo *abre.*

Na segunda sentença, a phrase *para Santos,* como a primeira, se constitue de duas palavras: *Santos* e *para. Santos* indica uma cidade, é substantivo. *Para* não é nome de cousa, nem de acção. Serve para ligar o substantivo *Santos,* logar, com o verbo *foi,* cujo infinito é ir.

Vemos que *para, com, de,* são particulas que ligam duas palavras.

Reparemos, ainda, no papel que desempenham:

> — abre com força.
> — foi para Santos.

A segunda palavra *força,* ligada á primeira *abre,* pela particula *com,* serve para explicar a maneira como se abriu a porta. Não foi devagar, nem levemente, mas, com força.

Assim, a palavra *Santos,* ligada ao verbo *foi* pela preposição *para,* mostra o logar para onde se

foi. *O tio de José*, ou seja quem fôr, poderia ir para muitos logares. Mas, na sentença que aqui se lê, elle não foi senão para um determinado ponto: — Santos. *Para* está ligando duas palavras, de sorte que a segunda explica a primeira.

Estas palavras, que ligam duas outras, de modo que a segunda explique a primeira, se chamam *preposições*.

Ha, em nossa lingua, muitas preposições. Como nestas tres sentenças, a preposição exerce sempre a mesma funcção: a de subordinar duas palavras, de modo que a posterior explique a anterior.

LIÇÃO XL

Pronomes: especies, casos

Já sabemos que pronome é a palavra que se usa em logar do nome, indicando-lhe a pessoa grammatical.

Já sabemos, tambem, que o fim do pronome é evitar as repetições desagradaveis dos mesmos nomes.

E já ficou explicado o que é pessoa grammatical: são as posições de transmissor, receptor e objecto da linguagem.

Agora, vamos examinar as especies de pronomes. Confrontemos os pronomes destas duas sentenças:

> Ella indicou-me a casa.
> Nada direi sobre isto.

São pronomes: *ella, me, nada* e *isto*.

Mas ha, entre os dois primeiros e os dois ultimos, uma differença que se verifica, restabelecendo os nomes que os pronomes substituem. Vejamos:

> *Maria* indica *a Pedro* a casa.
> *Nenhuma cousa* direi sobre *esta cousa.*

Elle e *me* estão em logar de substantivos não determinados por adjectivos, ao passo que *nada* e *isto* substituem nomes determinados por adjectivos.

Os pronomes que substituem nomes sem nenhuma limitação, se denominam pronomes *substantivos* ou *pessoaes*.

Os pronomes que substituem nomes determinados por adjectivo, chamam-se pronomes *adjectivos*.

Entre as duas categorias de pronomes podemos notar outra differença.

São pronomes pessoaes:

1.ª pessoa singular	—	eu, me, mim, migo
2.ª " "	—	tu, te, ti, tigo.
3.ª " "	—	elle ou ella, o, a, lhe, se, si, sigo.
1.ª pessoa plural	—	nós, nos, nosco.
2.ª " "	—	vós, vos, vosco.
3.ª " "	—	elles ou ellas, os, as, lhes, se, si, sigo.

São pronomes adjectivos, alem d'outros:

isto	=	esta cousa
isso	=	essa cousa
aquillo	=	aquella cousa
o	=	aquillo ou isto = aquella cousa
cujo	=	da qual pessoa, ou cousa
alguem	=	alguma pessoa
ninguem	=	nenhuma pessoa
algo	=	alguma cousa
nada	=	nenhuma cousa
outrem	=	outra pessoa
al	=	outra cousa
tudo	=	todas as cousas

Vê-se, logo, que os pronomes pessoaes pódem estar na 1.ª, na 2.ª, e na 3.ª pessoa, quer do singular, quer do plural. Já os pronomes adjectivos estão todos na 3.ª pessoa, e sempre no singular.

Ainda mais. Os pronomes pessoaes têm casos, o que não acontece com os pronomes adjectivos.

Comprehende-se facilmente a razão de ser dos casos, que são dois: recto e obliquo.

São do caso recto:

eu
tu
elle ou ella
nós
vós
elles ou ellas

São do caso obliquo:

me, mim, migo
te, ti, tigo
se, si, sigo, o, a, lhe
nós, nosco
vós, vosco
se, si, sigo, os, as, lhes

Normalmente os pronomes do caso recto fazem de sujeito, e, quando no papel de complementos, se regem por preposição. Os pronomes do caso obliquo representam, nas sentenças, o papel de complementos.

Leiamos o que dizia um alfinete a uma agulha, a respeito da linha:

> Canças-te em abrir caminho para ella, e ella é que vae gosar da vida, emquanto ahi ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguem. Onde me espetam, fico. (*Machado de Assis.*)

INDICE